

PENTAGRAMA

A revista Pentagrama propõe-se a atrair a atenção dos leitores para a nova era que já se iniciou para o desenvolvimento da humanidade.

O Pentagrama sempre foi em todos os tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Também é o símbolo do universo e de seu eterno devir, por meio do qual acontece a manifestação do plano divino.

Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o Pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, permanece no caminho da transfiguração.

A revista Pentagrama convida o leitor para operar esta revolução espiritual em si mesmo.

ÍNDICE:

- 2 INTRODUÇÃO
- 3 A EPOPEIA DO REI
GILGAMESH
- 5 GILGAMESH, "O VELHO
SEMPRE JOVEM"
- 10 CHRISTIAN ROSENKREUZ: O
PROTÓTIPO DA
AUTO-REALIZAÇÃO
- 13 A TORRE DE BABEL OU
A TORRE DO OLIMPO?
- 15 DE BABEL À NOVA
JERUSALÉM
- 19 A MURALHA DE URUK
- 23 BABEL, BABILÔNIA E A
ARTE DA CONSTRUÇÃO
- 26 A TORRE DE BABEL
- 27 "UMA SÓ LINGUAGEM E AS
MESMAS PALAVRAS..."
- 31 CONHECIMENTO DOS
ASTROS, DE SEUS
MOVIMENTOS E
INFLUÊNCIAS
- 35 A EUFORIA PELO
PROGRESSO
E PELA TÉCNICA
- 38 O MAR
DA PLENITUDE
- 39 BABEL E O SÉCULO XX

1996
ANO 18
NÚMERO 4

INTRODUÇÃO

Se formos procurar a cidade de Babilônia em um mapa atual, não conseguiremos encontrá-la. Esta cidade foi destruída em 689 a.C., mas seu nome continua a sobreviver por causa de sua opulência legendária, de seus jardins suspensos, de sua associação com a Torre de Babel e a “confusão das línguas”, e sobretudo por causa da epopéia do rei Gilgamesh, de Uruk.

Realmente, milhares de placas de argila gravados com caracteres cuneiformes foram descobertos neste local, onde sempre estão realizando novas escavações. A biblioteca do rei Assurbanípal trouxe ao conhecimento geral principalmente uma versão quase completa da epopéia de Gilgamesh, uma narrativa heróica que era transmitida oralmente há muitos e muitos séculos antes de ter sido gravada em placas de argila crua. Pelo lugar e pela antigüidade destas descobertas, a narrativa apresenta grandes variações, mas o fio condutor mostra muito claramente que é uma mensagem específica apresentada sob a forma de uma lenda, que diz respeito à origem e ao destino do homem sobre a terra.

O Antigo Testamento conta a história da construção da Torre de Babel e da “confusão das línguas” que aconteceu em seguida (Gênese, capítulo 11). Em Babilônia, haviam dado o nome à torre do templo de “A Torre de Babel”. O Novo Testamento termina com a descrição da queda de Babilônia e com a “Nova Jerusalém”, que desce dos céus em seguida.

Babel e Babilônia são, portanto, símbolos da humanidade decaída, e a epopéia de Gilgamesh faz alusão à chance de recuperação que é oferecida ao ho-

mem. Quando um novo campo de vida (chamado simbolicamente de “Nova Jerusalém”) desce dos céus, encerra-se o circuito de milhares de anos. Neste momento, o importante é saber se a humanidade soube ultrapassar ou não seu materialismo e seu egocentrismo; se ela soube encontrar a senda que conduz da antiga vida à nova vida; se ela descobriu a “Torre do Olimpo” dentro de si mesma e se está subindo por ela.

A construção da Torre de Babel (cf. “De Babel à Nova Jerusalém”, p. 15) está associada a um método de construção errado, com materiais da natureza decaída, objetivos ambiciosos, egocêntricos, dialéticos, e ao caos que daí decorre. É assim que, muita gente está construindo hoje, achando que aí está a salvação da humanidade. Mas os tempos vão mudando e um grande número de pessoas vai-se lembrando dos poderes recebidos de seu Criador e esforça-se por colocá-los em prática de maneira correta.

As leis da natureza perecível sempre acabam esmagando tudo o que é baseado no egocentrismo; e a humanidade, assim como cada ser humano, deverá finalmente voltar-se para o divino, para daí beber das forças que irão purificar o microcosmo danificado, e irão recuperá-lo.

“Construir a partir de critérios humanos” ou “conforme o Plano de Deus”: este é o tema deste número da Revista Pentagrama. Em nossa época, estas duas diretrizes estão traçadas muito claramente. De um lado, uma corrente segue em frente, ligando-se cada vez mais à matéria; de outro, vai crescendo a aspiração por um processo de desenvolvimento que tem como objetivo uma vida superior, para a qual toda a humanidade estaria sendo chamada.

A Redação

A EPOPÉIA DO REI GILGAMESH

A epopéia de Gilgamesh foi sendo transmitida de pai para filho, de geração a geração, e depois foi confirmada em escrita cuneiforme em doze placas de barro em 2000 a.C. Houve pelo menos duas modificações poéticas: uma originária da Suméria, outra da Babilônia, sendo que as duas remontam ao terceiro milênio antes do início da Era Cristã. O primeiro canto trata da profecia segundo a qual Gilgamesh haveria de tornar-se rei de Uruk, e o último contém um relato a respeito do dilúvio, que corresponde ao que é narrado na Bíblia.

Placa 1. Gilgamesh grava seus feitos e gestos em uma placa de pedra. Ele manda cercar de muralhas a cidade de Uruk e constrói o templo de Eanna, consagrado a Ishtar, deusa do amor e da beleza. Gilgamesh é um semideus: ele é dois terços divino e um terço humano. Quando o povo reclama dele, Aruru, a deusa-mãe, suscita Enkidu, o outro eu de Gilgamesh.

Placa 2. Enkidu é um ser selvagem, hirsuto, que vive com os animais. É no meio deles que ele pode ser encontrado. Quando Gilgamesh ouve falar dele, ele envia uma das cortesãs sagradas do templo para seduzi-lo, unir-se a ele e finalmente levá-lo até Uruk, onde ele aprenderá os princípios da civilização. Depois de um encontro tempestivo, Gilgamesh e Enkidu tornam-se amigos. Gilgamesh propõe a Enkidu que ambos se empenhem para combater juntos o gigante Humbaba, guardião do cedro sagrado. Depois, ele implora a proteção



de Shamash, o deus do sol.

Placa 3. Os anciãos de Uruk dão sua bênção a Gilgamesh e o aconselham para que se deixe proteger por Enkidu.

Ninsun, a mãe de Gilgamesh, implora a Shamash, pois foi ele quem depositou esta missão perigosa no coração inquieto de seu filho.

Ela também pede a Enkidu que proteja Gilgamesh.

Placa 4. Indo ao encontro de Humbaba, Gilgamesh tem três sonhos. Enkidu

Gilgamesh.
Palácio de
Sargon II, em
Khorsabad.
(Descoberto em
1844, medindo
quatro metros de
altura. Museu do
Louvre, Paris).



Placa de argila de Nínive que contém a narrativa a respeito da história do dilúvio. (nº 3375, no British Museum, em Londres).

os explica e vê neles bons presságios para o combate que está por vir.

Placa 5. Gilgamesh e Enkidu partem para guerrear contra Humbaba. Eles abatem o cedro e matam o gigante.

Placa 6. Depois da vitória, Gilgamesh recusa-se a unir-se com a deusa Ishtar. Os deuses enviam o touro celeste, mas os dois heróis conseguem matá-lo.

Placa 7. Depois da festa da vitória, Enkidu sonha que os deuses decidiram matá-lo e que ele terá de descer aos infernos.

É então que ele desperta, cai doente e morre doze dias mais tarde.

Placa 8. Gilgamesh está inconsolável e lamenta a morte de seu irmão e amigo.

Placa 9. Tomado pelo medo da morte, ele decide partir em busca de seu ancestral, Uta-Napishtim. Ele anda pela montanha escura onde o sol desaparece durante um dia inteiro, e na manhã seguinte ele chega ao jardim das pedras preciosas.

Placa 10. Na praia, Gilgamesh encontra Siduri. Ele lhe pergunta onde fica o caminho que conduz até Uta-Napi-

shtim e ela o manda de volta a Ur-Shanabi, o único que pode atravessar “as águas da morte”. É do outro lado destas águas que mora Uta-Napishtim. Ele recebe Gilgamesh e lhe pergunta — como já tinham perguntado Siduri e o barqueiro — por que ele parece estar tomado de tanta melancolia e quais são as razões de sua vinda.

Placa 11. Uta-Napishtim fala a Gilgamesh a respeito do arco que ele construiu a partir de conselho dos deuses, e também a respeito do dilúvio que se abateu sobre os homens e sobre a maneira como ele tornou-se semelhante aos deuses. Gilgamesh deve continuar sem dormir seis dias e seis noites, a fim de encontrar a vida que ele está buscando.

Mas Gilgamesh logo cai no sono. A mulher de Uta-Napishtim cozinha um pão por dia. No sétimo, Gilgamesh é despertado por Uta-Napishtim. O barqueiro recebe a missão de reconduzir Gilgamesh — vestido como um rei — até sua casa. Como presente de despedida, Gilgamesh recebe o nome de uma planta que poderá torná-lo jovem de novo; ele a encontra, mas quando vai colhê-la, aparece uma serpente que a devora e depois muda de pele. Gilgamesh chega finalmente de volta a Uruk, e a epopéia finaliza com a repetição do canto sobre a edificação das muralhas da cidade.

Placa 12. Este fragmento geralmente é considerado como um texto adicional. Os deuses fazem com que o espírito de Enkidu fale a Gilgamesh para que ele descreva sua viagem através dos mundos inferiores.

GILGAMESH, “O VELHO SEMPRE JOVEM”

O mito de Gilgamesh, de onde foi tirada a epopéia, parece ter sido conhecido em quase todo o Oriente-Médio e ter exercido uma influência muito grande sobre os povos da época. Isto pode ser explicado pelo fato desta narrativa descrever o ciclo evolutivo no qual todo o ser humano está integrado.

A transcrição das tradições recobre alguns milhares de anos. Os lugares de origem encontram-se espalhados pela Mesopotâmia e pela Ásia Menor, e muitos admitem que ainda serão encontrados muitos fragmentos e variantes anteriores ou posteriores. O rei Assurbanípal (668-626 a.C.) mandou transcrever a epopéia em doze placas nas quais foi encontrada a versão completa, quando sua biblioteca foi descoberta.

Desde o momento em que, em 1872, a *Sociedade de Arqueologia Bíblica* dispôs da primeira tradução, a epopéia de Gilgamesh começou a exercer sua influência. A. Schott, um dos tradutores, escreveu: “Compreender a epopéia de Gilgamesh significa compreender o mundo”.

Todos aqueles que se interessam por estes textos sentem que deles emana uma grande força misteriosa. Esta força não faz do leitor um conhecedor, mas impulsiona-o a aprofundar-se, sem dúvida porque esta narrativa enraíza-se em um passado longínquo; mas também porque ela continua sempre atual, pelo fato de evocar uma reminiscência longínqua. Novas escavações e investigações trazem à luz do dia fatos surpreendentes e impulsionam os pesquisadores a intensificar suas atividades.

Considerada a partir de um ponto de

vista estritamente científico, não é fácil sondar totalmente a epopéia de Gilgamesh. Há lacunas grandes demais nos textos que estão disponíveis atualmente e há muitas imprecisões nas diversas interpretações dos tradutores. É assim que, para aqueles que consideram as peripécias da narrativa de uma perspectiva histórica, certas imagens continuam obscuras e os narradores desta genial epopéia não conseguem lançar uma ponte sobre o abismo do passado.

Nossos comentários partem do ponto de vista de que o homem é um ser duplo, um estrangeiro sobre a terra; que ele é parte integrante de um microcosmo e possui um princípio fundamental divino que lhe dá uma insatisfação permanente, impulsionando-o a buscar a imortalidade, assim como Gilgamesh. Para a mentalidade atual, esta tese não é mito científico, mas ela é baseada no reconhecimento interior de valores imortais. Este reconhecimento permite tentar penetrar no sentido mais profundo e oculto que está por detrás desta epopéia; em outras palavras, não precisamos reconstituir o personagem de Gilgamesh, mas sim vivenciá-lo.

URUK, SÍMBOLO DO MICROCOSMO

Com os reis sacerdotes, surge o herói Gilgamesh, para lembrar à humanidade sem rumo qual é sua missão: a volta à vida original, imortal. É por esta razão que não se pode traçar nitidamente a vida de Gilgamesh enquanto personagem. Ele se manifesta (e este fato é confirmado pelas pesquisas) sob traços aparentemente bastante contraditórios.

Entretanto, seu perfil surge vagamente através de todas as suas representa-

ções. Nas versões mais antigas, que datam de períodos diferentes, Gilgamesh revela-se quase sempre mais concreto do que nas narrativas remanejadas que surgem depois. Sabe-se pela Bíblia que os homens que viviam há milhares de anos pensavam e ensinavam por imagens e parábolas. Assim o rei Gilgamesh tornou-se o protótipo do homem que tenta cumprir a missão confiada a todos os homens.

Levando muito a sério a manutenção das leis terrestres, ele transgride as leis divinas, pois ele ainda não tem experiência suficiente. Ele é “dois terços divino e um terço humano”, lembra ele, revelando que vive em duas naturezas e que, portanto, sempre se confronta com dois sistemas de leis.

A missão de guia da humanidade era sintonizar o terrestre ao divino e criar uma harmonia. Esta é, de fato, a base de todas as atividades humanas. Gilgamesh sabe que estas leis eternas exigem não somente a magnanimidade, a coragem e a veracidade, mas também sabe que estas virtudes devem também andar paralelamente com a perseverança, e muitas vezes até mesmo com a dureza em relação aos ignorantes. É somente deste modo que os buscadores — como Gilgamesh — e os

que nada sabem podem ser guiados e instruídos.

Para o leitor, os habitantes de Uruk parecem cruéis e duros, se comparados aos homens que residem fora de seus muros. Segundo algumas versões, no interior desta comunidade reinava amor e humanidade. Entretanto, as leis eram severas e, se alguém ia contra elas, o rei Gilgamesh distribuía duras penalidades. A gravidade da má ação poderia até mesmo acarretar na expulsão da pessoa da comunidade. Aqui há um paralelo com o pecado original, que acarretou a expulsão do homem da região divina. Não seria possível entrar em Cristianópolis, a cidade de Deus, sem estar preparado para tanto.

QUEM É GILGAMESH?

O nome Gilgamesh parece realmente ser derivado da palavra “bilgames”, que significa “o velho é (ainda) um jovem”. Isto poderia indicar que o divino dentro dele é “muito velho, mas ao mesmo tempo, eternamente jovem”.

Gilgamesh é descrito como “dois terços divino e um terço humano”. O aspecto “dois terços divino” de Gilgamesh pode ser assimilado ao eu superior ainda inviolado, à alma não decaída, ainda ligada ao Espírito e que deve participar da vida terrestre até que o aspecto “um terço humano” esteja submetido ao princípio divino dentro dele, os dois terços de seu ser.

Mas, diz a epopéia, seu aspecto “um terço humano” o liga também ao destino dos homens, ao sofrimento e à fraqueza, ao medo da morte, aos erros e à coibição. Estes traços de caráter completamente humanos o impulsionam a medir a magia que lhe é confiada; e seus súditos sofrem com isto. É por isso que eles pedem o auxílio dos deuses. Então Aruru, a deusa-mãe cria com argila o personagem Enkidu, irmão gêmeo ou imagem refletora de Gilgamesh, desti-

Argila: Enkidu vence o touro celeste (Museu Real de Arte e de História, em Bruxelas, na Bélgica).



nada a completá-lo.

QUEM É ENKIDU, O SER NATURAL?

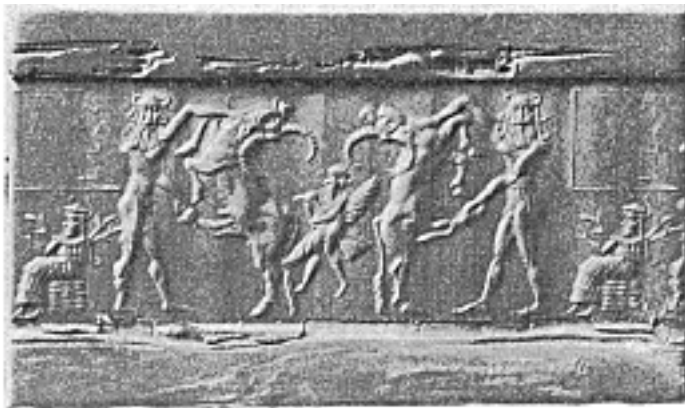
O mito original fala somente da fidelidade a toda prova de Enkidu e não de sua origem. Ele aparece simplesmente como o “gêmeo” de Gilgamesh e parte integrante de seu ser. É também o que aparece nos cilindros que vieram depois. Nas variantes mais tardias da epopéia, Enkidu é chamado especialmente à vida por Gilgamesh. Parece, então, que ele personifica a parte terrestre de Gilgamesh que, durante sua expedição contra Humbaba, o aconselha graças ao saber que ele mesmo foi conquistando por experiência. Ele é o que sustenta, o instrumento que cada pessoa deve ter um dia para fazer com que o homem imortal cresça dentro de si.

Segundo as escavações mais recentes, os poetas da epopéia utilizaram fontes sumérias. Gilgamesh quer partir em expedição contra Humbaba e adquirir a glória. É dito mais adiante que ele quer extirpar o mal, pois “hediondo e obscuro é Humbaba”. É somente abatendo “o cedro terrível que lança faíscas” que é possível chegar até onde Humbaba se encontra.

É neste lugar que o mal grassa e que é preciso aniquilar o guardião do portal no coração da árvore. Se esclarecermos esta passagem utilizando a simbologia da senda libertadora, então “o cedro terrível que lança faíscas” pode ser considerado como o fogo serpentino, onde a consciência do antigo eu ainda é dominante.

Na versão suméria há uma cena digna de nota:

Gilgamesh entra na casa de Humbaba: “Ele vai-se aproximando como se quisesse dar-lhe um beijo e bate em sua face direita; ele não o fere gravemente, mas somente o arranha, entretanto Humbaba é tocado seriamente. Seus dentes batem e suas mãos tremem. Nas placas de argila do palácio de As-



surbanípal, pode-se ler que Gilgamesh lhe dá um golpe mortal e o decapita. Uma versão mais tardia narra: “Ele pegou seu machado com uma mão, sacou da espada de sua cintura e golpeou Humbaba no pescoço. Enkidu, seu amigo, golpeou-o também ao mesmo tempo e, no terceiro golpe, ele foi abatido” (Theo Bauer, 1957, Chicago Oriental Institute, A2207).

Selo cilíndrico de Ur (Museu do Iraque, em Bagdá).

As duas versões descrevem o aniquilamento do aspecto terrestre. Enkidu exige que Humbaba seja morto porque sabe interiormente que somente o aniquilamento total deste adversário é a solução.

A MORTE DE ENKIDU

Depois da morte de Humbaba, o auxílio de Enkidu já não é necessário e ele morre. Em seu leito de morte, ele indica novamente a porta através da qual ele não pode passar enquanto for mortal, pois não foi ele quem abateu a árvore da vida terrestre e nem foi ele quem venceu Humbaba. Enkidu lamenta-se pelo fato de não ter tombado em combate:

“Eu não sou como aquele que morre em combate e entretanto jamais temi o campo de batalha!”

Ninguém pode dizer que ele é covarde: seus atos estão descritos detalhada-

mente na epopéia. Enkidu talvez estivesse fazendo alusão a um outro combate que ele evitou. Ele louva aquele que perde seu ser terrestre em um combate como este porque é somente assim que ele pode atravessar a porta como “conhecedor”. É por isto que Enkidu exorta Gilgamesh:

*“Não temas este combate
senão um dia será muito tarde...”*

O babilônico reconhecia Enkidu dentro dele mesmo. Ele observava o quanto ele e muitos outros encontravam-se involuntariamente em erro flagrante, como se seus atos irrefletidos tivessem provocado a maldade dos deuses. Ele achava temerário medir-se com a mesma medida de Gilgamesh.

Este último pertence a uma outra esfera de vida. Apesar de lhe faltar a maturidade plena, ele já é um mediador entre a sabedoria divina e aqueles que já entraram na fase da busca. Depois da morte de Enkidu, Gilgamesh fica novamente inquieto. Ele parte em busca de Uta-Napishtim, pois ele tem medo de morrer depois de ter sido confrontado com a morte, por ocasião da partida de Enkidu. Ele quer render-se, postando-se junto de “seu ancestral que conquistou a vida eterna dos deuses”, para lhe perguntar como conquistá-la para seu aspecto “um terço humano”.

EM BUSCA DE UTA-NAPISHTIM

No decorrer de sua odisséia, ele, o herói, teme os animais selvagens, seus pesadelos e seus medos. Apesar de tudo, ele continua sua senda, enquanto que todos os que cruzam com ele tentam desviá-lo de sua meta enumerando todas as dificuldades que o aguardam no caminho, mas também para fazer observações desencorajadoras, do tipo:

“Nunca conseguirás!”
Shamash, o senhor do mundo, lhe atira



em rosto:

*“Gilgamesh, aonde vais?
A vida que buscas,
nunca a encontrarás!”*

Nas placas de argila que ainda faltam certamente estão inscritas muitas outras provas, que o buscador não conhece muito bem. A mais perigosa é aquela que intervém sob a forma de Siduri, aquela que verte um líquido para beber. Na verdade, trata-se da deusa da terra, Ishtar.

Gilgamesh já encontrou-se com ela antes. Siduri lhe faz uma descrição bastante viva de todos os prazeres terrestres e convida para que ele venha com ela aproveitar de todas elas, pois: “A vida dos homens” é assim. Mas Gilgamesh resiste à tentativa.

O encontro com os escorpiões-gigantes e suas tentativas para obstruir sua passagem mostra que Gilgamesh pode efetuar este caminho exclusivamente graças a sua perseverança e a sua origem. Depois de ter pedido passagem inúmeras vezes aos escorpiões-gigantes,

*“cujo assombro é terrível,
cuja visão provoca a morte,
cujo brilho glacial
encobre montanhas”,*

um homem-escorpião o deixa passar, mas lhe diz:

*“Durante doze horas
a escuridão cobrirá as montanhas.
Espessas serão as trevas
privadas de toda a luz”.*

Então, Gilgamesh entra na montanha da terra escura e, depois de caminhar cento e vinte milhas, chega à sebe e ao jardim dos deuses”. Aí ele encontra Ur-Shanabi, o barqueiro que deve conduzi-lo para além do oceano da morte. É o auxílio e o companheiro enviado pelos deuses. A partir de seu conselho, Gilgamesh fabrica cento e vinte varas para

impulsionar o barco até este lado do oceano chamado de “as águas da morte”. Nenhuma gota destas águas envenenadas deve tocar sua mão, pois de outra forma ele estaria perdido.

QUEM É UTA-NAPISHTIM?

No início da epopéia é dito:

*“Ele contemplou o mistério e em seguida manifestou o que estava oculto.
Ele trouxe a notícia antes do dilúvio”.*

O dilúvio surge em quase todos os mitos, em todos os povos e indica o fim de um período. Tudo é engolido por ele e assim abre-se um novo processo de desenvolvimento.

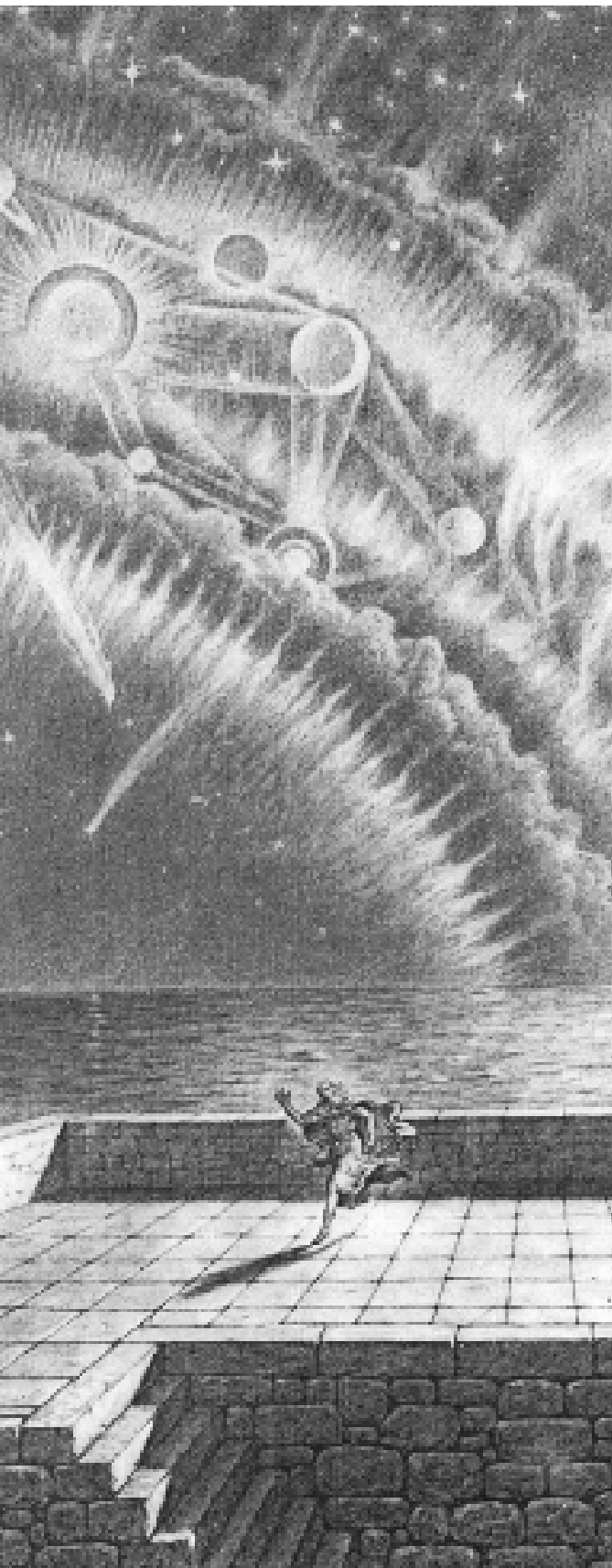
Uta-Napishtim é um ser imortal que atravessou inúmeros dilúvios, e também o dilúvio babilônico. Ele conta a Gilgamesh como se faz para participar da imortalidade:

*“Desejo, ó Gilgamesh,
revelar-te um segredo,
o segredo que é próprio dos deuses,
que desejo revelar-te:
se queres encontrar a vida que
buscas, entrega-te ao repouso
durante seis dias e sete noites!”*

Estas palavras dirigem-se à porção divina de Gilgamesh pois, quando o aspecto terrestre adormece (ou seja, quando ele se encontra totalmente em segundo plano), o iniciado pode cumprir o ritual. A esposa de Uta-Napishtim faz pães e os coloca perto da cabeça de Gilgamesh. O primeiro pão é murcho, o segundo mais crescido, o terceiro ainda está úmido, e quarto é branco, o quinto tem uma casca queimada e o sexto está bem cozido. No sétimo ... Uta-Napishtim toca Gilgamesh, que desperta em sobressalto.

Os pães referem-se às fases de desenvolvimento de Gilgamesh que, como ainda é “um terço humano” tem de ultra-

Gilgamesh abate a árvore de fogo (III Pentagrama).



CHRISTIAN ROSENKREUZ:
O PROTÓTIPO DA AUTO-REALIZAÇÃO

Christian Rosenkreuz, em sua viagem, chega a um dado momento “no ponto em que a alma-espírito se manifesta, quando a transfiguração se realiza, quando a nova consciência onipresente faz com que C.R.C. entre no campo de vida da alma-vivente, ou seja, nos campos de consciência que se elevam muito além da consciência tridimensional, onde esta consciência não pode seguir C.R.C..

Este fato nos impede, por enquanto, de esclarecer muita coisa sobre o que se segue. Falaríamos de estados que não são acessíveis à consciência comum e para os quais não saberíamos encontrar nenhum tipo de comparação em nosso mundo tridimensional.

Cairíamos em considerações puramente intelectuais e técnicas, que não vos diriam nada, que não serviriam para nada quanto a vosso processo de desenvolvimento interior, que rebaixariam o caráter sublime das coisas sobre as quais estamos tratando e as violariam ainda mais.

É por isso que vos dizemos:

Assim como os últimos véus foram pouco a pouco sendo retirados diante de C.R.C., assim eles se erguerão diante daqueles que seguirem o mesmo caminho que ele seguiu, a única e verdadeira Senda de Iniciação de Jesus Cristo, com a mesma fidelidade, a mesma perseverança e a mesma abnegação. Para estes, todos os mistérios serão esclarecidos e eles terão acesso a todos os maravilhosos esplendores da inesgotável Câmara do Tesouro, que Deus guarda como herança no coração de cada homem.

Se não perderdes de vista este rico exemplo, o impulso puro e vivificante e a imagem de um bom fim que Christian Rosenkreuz nos oferece, então começareis e continuareis efetivamente vossa viagem rumo ao salão nupcial, com alegria e perseverança, enquanto que a certeza de uma sabedoria interior vos fará pronunciar, ao longo deste poderoso e bendito caminho de experiência: “Estou na senda! A viagem já começou e ... já conheço seu fim, que é certo: a volta à Casa de meu Deus!”

A história de Gilgamesh é aqui considerada do ponto de vista dos vários processos de desenvolvimento que acontecem no microcosmo. Mas, em um plano mais vasto, a narrativa explica claramente inúmeros processos do cosmo e do macrocosmo.

passá-las para tornar-se um servidor de seu destino divino.

Como homem, ele busca a imortalidade e como homem ele adormece. O que se eleva acima do sexto grau (aqui simbolizado pelo sexto pão) é o mundo superior, fechado ao estado humano. Esta fronteira não pode ser ultrapassada. É por esta razão que o sétimo pão não pode e não deve ser assado e Uta-Napishtim deve despertá-lo.

Durante a iniciação, o divino desperta em Gilgamesh. É por isso que Uta-Napishtim revela um segredo:

*“Desejo, ó Gilgamesh,
revelar-te um segredo:
sim, a “planta da vida”
esta é a planta que desejo revelar-te!
A raiz desta planta
parece uma planta espinhosa
e, como a roseira,
seu espinho pica tua mão.
Se te apossares desta planta,
reconquistarás tua juventude!”*

A SERPENTE E A “PLANTA DA VIDA”

Gilgamesh ainda tem de passar por uma outra prova. Ele deve mergulhar profundamente na água para apossar-se da planta da vida. Mas isto somente é possível se ele passar por todas as provas precedentes. Mesmo que seja por um curto instante, ele deve continuar no reino da Vida original para aí encontrar a Vida e poder apanhá-la.

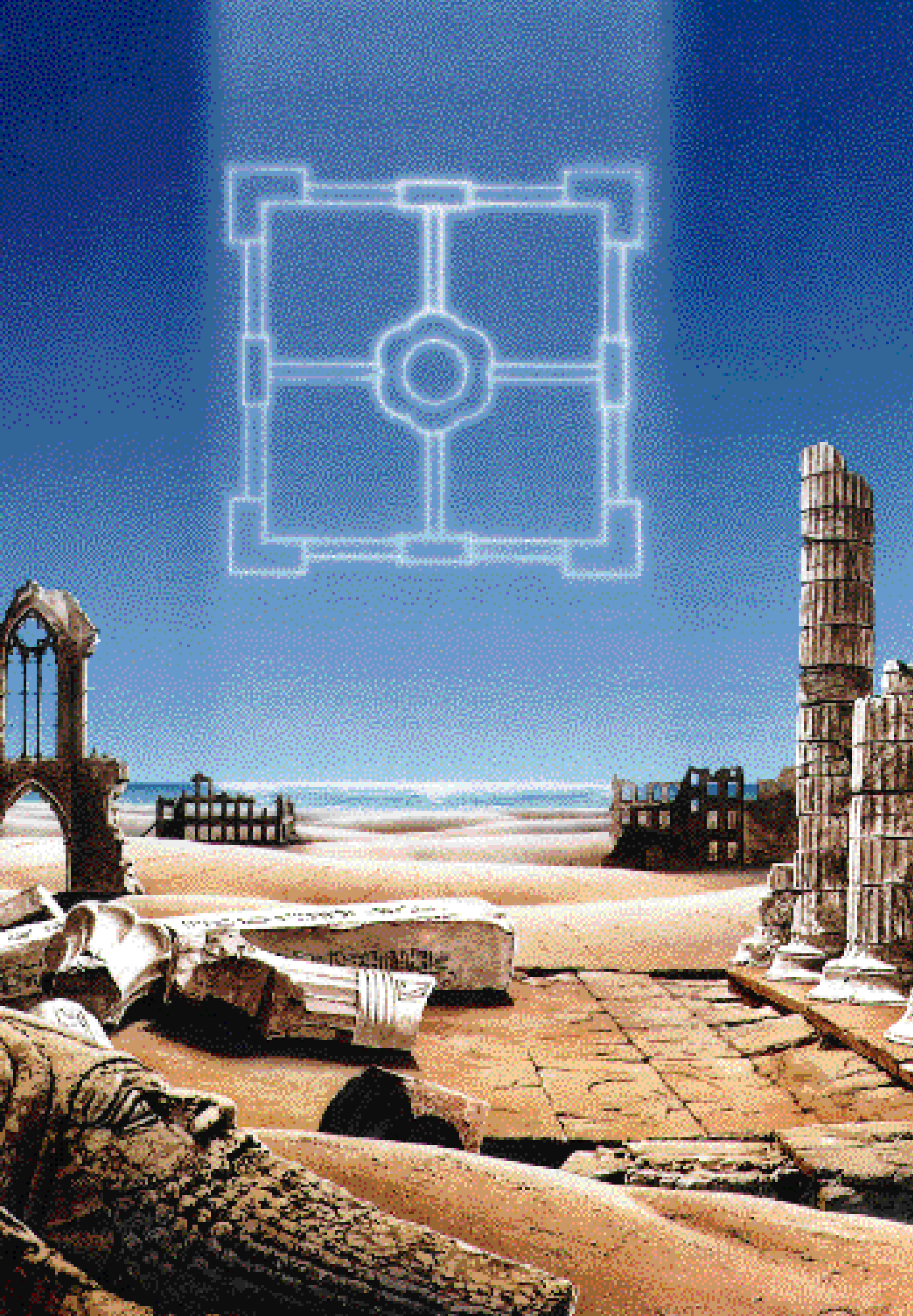
Quem é esta serpente que encontra a planta da vida enquanto Gilgamesh está dormindo, e a devora, mudando de

pele imediatamente? Por que Gilgamesh deixou que a sacola que continha a planta da vida caísse, descuidadamente? Por que ele não comeu imediatamente esta planta? Por que ele queria levá-la até Uruk?

Aí estão algumas indagações que podem ser respondidas do ponto de vista esotérico. A serpente refere-se ao fogo serpentino. Esta coluna da consciência deve ser nutrida pela planta da vida e a antiga pele deve cair, o que significa que é preciso que nos desvencilhemos do mortal para atingir o imortal. O candidato deve pôr fim às últimas experiências terrestres, a sua animação terrestre, para dar lugar à nova animação, orientada pela vida imortal.

Então Gilgamesh e Ur-Shanabi voltam a Uruk para que Gilgamesh possa transmitir sua sabedoria, seu conhecimento e oferecer seu auxílio a todos os habitantes de Uruk. A cidade de Uruk é o microcosmo que agora já está recuperado e tornou-se apto a desenvolver sua missão no plano divino.

“...e eu descobri que nesta mesma noite haveria uma conjunção de planetas como não se observava há tempos.” (Jan van Rijckenborgh, As Núpcias Alquímicas de Christian Rosenkreuz, tomo II).



A TORRE DE BABEL OU A TORRE DO OLIMPO?

Costumamos falar sobre a Torre de Babel e a confusão de línguas provocada por sua construção, mas não devemos esquecer-nos da Torre do Olimpo, onde foi restabelecida a unidade da linguagem.

As *Núpcias Alquímicas* de Christian Rosenkreuz descrevem como o candidato no caminho da nova vida chega à Torre do Olimpo depois de um longo périplo. Esta torre é o símbolo da senda interior que cada um terá o dever e a possibilidade de seguir um dia para que o princípio divino de seu ser volte para o Reino de Deus.

Diz-se que a Babilônia estava totalmente voltada para os prazeres da vida terrestre. A Bíblia dá a entender que os homens quiseram construir uma torre que chegasse até o céu, o que faria com que se tornassem célebres. Portanto, a Torre de Babel é o símbolo da ânsia de poder sobre a matéria, e a confusão de línguas que se seguiu foi-se tornando pouco a pouco perceptível a cada pessoa, através dos meios de comunicação.

O homem moderno, formado por uma educação materialista, vangloria-se de basear-se exclusivamente em fatos. E, quando um acontecimento provoca emoção, os políticos esforçam-se para mostrar como a oposição não pode controlar a situação! Claro, eles são racionalistas! O argumento de que eles se utilizam é o de que a humanidade elevou-se ao nível da “razão divina”!

Aparentemente, foi este orgulho louco que se apoderou dos habitantes de Babel, quando eles decidiram construir sua torre de tijolos.

Quando tomamos conhecimento a respeito do motivo de sua construção,

não nos assusta o fato de que esta torre jamais tenha sido terminada.

É fácil de compreender por que ela causou uma confusão de línguas. Realmente, no terreno da matéria, nenhum especialista está de acordo com outro.

Dois arquitetos da mesma escola não têm as mesmas idéias.

Dois artistas podem representar a mesma idéia de modo totalmente oposto e sair criticando um ao outro. Dois espiritualistas, a partir das mesmas bases, podem combater-se e perseguir-se utilizando golpes teológicos. Dois médicos que tenham a mesma formação podem prescrever a seus doentes tratamentos absolutamente contrários. Assim, o mundo de hoje está cheio de contradições pelo fato de ter obtido tantos conhecimentos.

Esta falta de unidade às vezes é definida como uma característica “única” do homem. Se o resultado deste desenvolvimento egocêntrico contribuisse para a evolução positiva da humanidade, esta característica “única” do homem seria aceitável e ninguém protestaria. Mas os protestos vão aumentando cada vez mais e mais fortes. Agora que as técnicas modernas da comunicação podem tornar “sábios” todos os que assim o desejarem, um número cada vez maior de pessoas começa a pensar e descobre que o empenho materialista e sem rédeas dos habitantes de Babel não é nem melhor nem pior do que o comportamento “bem pensado” daqueles que pensam. Os dois mostram a pobreza e a nudez do homem, esta criatura que se esqueceu de seu criador e que agora fica girando em círculos dentro de suas próprias trevas, para tentar sair delas.

A questão é que ele busca a saída fora de si mesmo, construindo torres de Babel, em uma “evolução” sem fim que,

A Torre do Olimpo se eleva sobre o antigo campo de vida (III. Pentagrama)

ao invés de conduzir até as portas da vida imortal, o faz “recair” muitas e muitas vezes.

Os antigos gnósticos e os rosa-cruzes da Idade Média escolheram um outro caminho. A história de Christian Rosenkreuz mostra, por exemplo (apesar de estar escrita em uma espécie de linguagem secreta, por causa da falta de liberdade da época) que este caminho que leva à elevação está presente dentro do próprio homem. Christian Rosenkreuz sobe os andares da Torre do Olimpo e triunfa sobre todos os obstáculos e limitações de sua personalidade terrestre. Ele se eleva por meio de um processo de renovação que põe fim à grande confusão que existe dentro de si mesmo e nos outros, e lhe ensina novamente a falar a linguagem que dá acesso a todos os corações.

A história da Torre de Babel mostra o homem como um indivíduo que, como

um ser único, quer dominar-se a si mesmo e ao mundo. Daí segue-se a queda de Babel. A Torre do Olimpo representa a história do homem que, para servir a Deus e a seu próximo, abandona tudo o que ele acredita possuir e, por este processo, é regenerado até em cada célula de seu ser. Ele sobe a Torre do Olimpo para libertar-se e libertar os demais.

Vereis claramente que é somente dentro desta Torre que é possível encontrar os valores eternos.

Quem constata o jogo fútil da construção da Torre de Babel e já está farto da confusão das línguas, parte em busca da verdadeira vida e da linguagem única que dá testemunho dela, e um dia chegará à ilha em que se alteia a Torre do Olimpo. Então, ele será recebido com júbilo, como “alguém que voltou à Casa de seu Pai”.

DE BABEL À NOVA JERUSALÉM

Mesmo se considerarmos que a Bíblia é constituída por numerosas narrativas simbólicas, não conseguiremos fazer uma aproximação adequada entre a antiga cidade de Babilônia, no Iraque, a Torre de Babel, a antiga Jerusalém, em Israel, e a “Nova Jerusalém”. Nem tampouco conseguiremos fazer saltar a nossos olhos que o Apocalipse opõe a “queda da Babilônia” à “descida do céu da Nova Jerusalém”.

Aqui, trata-se sobretudo da oposição da antiga vida terrestre materialista e a nova vida, celeste e espiritual. O caminho da primeira é simbolizado pela Torre de Babel e a cidade de Babilônia; o caminho da segunda é claramente representado pela Nova Jerusalém, assim como a Torre do Olimpo é representada nas *Núpcias Alquímicas de Christian Rosenkreuz*.

Estas duas Torres são os símbolos de um estado de consciência e do estado de vida que dele decorre. Elas indicam uma certa evolução e um certo estado de ser do homem.

BABILÔNIA E JERUSALÉM

Há três ou quatro mil anos antes de Cristo, a Babilônia era uma cidade florescente e o centro da cultura suméria. A Bíblia frequentemente a cita como exemplo e sua queda é evocada no Apocalipse. Os habitantes desta cidade ligada a uma diretriz exclusivamente terrestre, levam uma boa vida.

Eles perderam de vista a finalidade

da vida original e rejeitam tudo o que poderia lembrá-la. Deste ponto de vista, a Babilônia simboliza a força que mantém o homem prisioneiro da matéria. No Apocalipse, 18:2, é dito: “Ela caiu, Babilônia, a grande! Ela tornou-se morada de demônios, um covil de toda espécie de espíritos impuros...”

A NOVA JERUSALÉM

Por outro lado, a Nova Jerusalém é a “cidade santa que desceu do céu, do lado de Deus, preparada como uma esposa que ornamentou-se para seu esposo” (Apocalipse, 21:2).

Estas cidades dão a imagem da finalidade da vida humana. Babel e Babilônia simbolizam a ânsia pelo poder terrestre, mas também o aprisionamento na matéria, enquanto que a nova Jerusalém é o símbolo do novo campo de vida, onde a alma pode reconquistar sua liberdade e elevar-se até seu Criador. Babilônia é qualificada como prostituída, pois desviou-se de seu primeiro amor, seu esposo celeste, e deu-se ao “príncipe deste mundo”, enfeitiçada por sua beleza e entregue ao jogo caprichoso dos desejos e prazeres. Estas cobichas perpétuas são a conseqüência do pecado original e a separação dos sexos obriga cada um a buscar a metade que lhe falta. Impulsionados por sua natureza terrestre, os seres humanos buscam esta metade que lhes falta fora deles, e tudo o que o mundo produz torna-se objeto de seu desejo. Assim, eles buscam satisfazer-se pelo amor e pelo ódio, pela posse dos bens terrestres, pelo luxo e pela abundância, sem esquecer sua busca pelo poder e a manipulação de seu próximo. Eles se abra-

çam no amor e no ódio, caem na armadilha do destino, da qual eles já não se podem desembaraçar por causa de seu karma (a consequência de seus atos), que liga uns aos outros. Todos os desejos de valores elevados são abafados e, quando ele se julga suficientemente forte, logo vira objeto de zombaria. Quanto a isto, a antiga Jerusalém simboliza quase sempre a estrutura oposta, em que tudo está submetido a regras muito estritas.

O APRISIONAMENTO ENTRE A BABILÔNIA E A ANTIGA JERUSALÉM

A Babilônia e a antiga Jerusalém simbolizam os dois pólos entre os quais vai e vem a vida terrestre. Estas duas cidades estão presentes ao mesmo tempo e se influenciam mutuamente. Às vezes é Babilônia que dá o tom e tudo é possível; às vezes é a antiga Jerusalém, com seus princípios rigorosos. A vida de desejos não-amestrados, assim como as idéias formalistas, são aspectos do “mundo da cólera”, diz Jacob Boehme, ao descrever a natureza mortal.

Cada um, de acordo com certos aspectos de sua personalidade, pode pertencer à Babilônia (estar ligado a outras pessoas em quem o aspecto babilônico é dominante), ou a Jerusalém (e observar as leis).

Assim, é certo que existe um determinado processo de desenvolvimento que pode levar a Babilônia ou a Jerusalém, no decorrer do qual os desejos vão sendo pouco a pouco amestrados. Esta realização passa como se fosse sucesso aos olhos do mundo, mas também liga à terra, apesar da aparência de um progresso natural. Entre Babilônia e a anti-

ga Jerusalém, a humanidade não pode sair do estado que lhe é próprio. Todos os homens são prisioneiros de seus desejos e de seus pensamentos, dois princípios que pertencem ao “príncipe deste mundo”.

A Bíblia evoca em seguida “a Nova Jerusalém” como a cidade em que “Deus enxugará dos olhos (dos homens) toda a lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram” (Apocalipse, 21:4).

Desta cidade vem o chamado incessante para a “volta”, mas o homem abafa este chamado dentro dele, até o dia em que, depois de várias encarnações de seu microcosmo, e depois de passar por inúmeras experiências em períodos inimaginavelmente longos (tanto dentro quanto entre Babilônia e Jerusalém) descobre que o mundo é ilusório e sem saída. Neste momento, surge uma nova compreensão, e ele toma a decisão de se empenhar, tomando um outro caminho, para nunca mais se deixar guiar ou deter-se pelas condições que a existência terrestre lhe impõe.

O CAMINHO DA LIBERTAÇÃO INTERIOR É INDIVIDUAL

Quando chegou a este ponto em seu processo de desenvolvimento, este homem encontra-se no começo do caminho que leva a sua Belém pessoal, a sua Patmos pessoal. Belém simboliza o nascimento da nova vida, o momento em que se manifestam os primeiros sinais do despertar da alma imortal. Quando esta centelha de luz espiritual começa a brilhar no coração, todo o sistema é polarizado pela nova força vital,

a força crística universal. A entrada neste processo de renovação faz nascer um interesse pela vida totalmente diferente. A personalidade vai abandonando progressivamente seu gosto pelas coisas terrestres, pelas regras e pelo poder. Ela vai dando cada vez mais espaço para o desenvolvimento da nova alma e a coloca no ponto de atingir a Nova Jerusalém, seu novo campo de vida.

Ela rompe seus laços com os antigos e novos modelos culturais, sua maneira de falar, pensar e sentir habituais; ela ultrapassa e deixa para trás os limites simbolizados pela “confusão das línguas” que se deu logo depois da construção da Torre de Babel. Nesta senda, o peregrino encontra muitos seres que conquistaram sua liberdade interior ou que a estão conquistando, e todos se sustentam no caminho de Belém a Patmos.

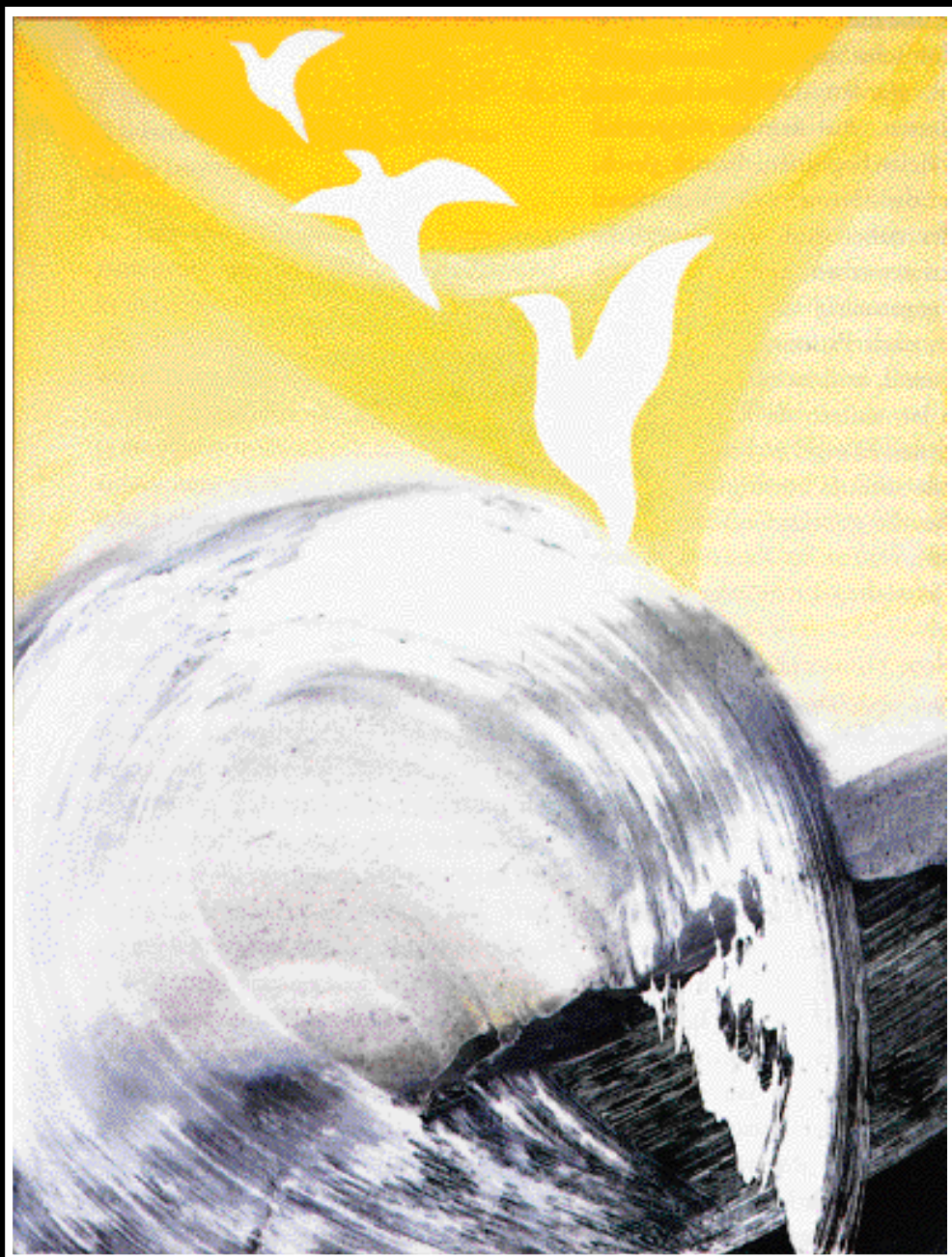
Patmos representa um estado em que já não é necessário explorar os outros para compensar o que lhe faz falta.

Todos os obstáculos terrestres são abolidos. A metade perdida — o companheiro espiritual — é reencontrada. Este é o estado em que surge a Nova Jerusalém, que nos toca: o novo céu-terra abre suas portas e mostra à alma imortal o caminho que se descortina diante dela.

Esta nova vida está sempre a nosso alcance, assim como as diversas fases da libertação da alma, chamadas de Babel, Babilônia, a antiga e a nova Jerusalém, Belém e Patmos.

A Nova Jerusalém é o novo campo de vida para toda a humanidade, mas cada um deve, em primeiro lugar, encontrar pessoalmente o caminho de Belém a Patmos antes de poder entrar neste campo de vida. Todos os grupos que atingem esta meta liberam ao mesmo

tempo o caminho para aqueles que o seguem. Assim, todos os homens estão na senda para libertar-se das tentações de Babel e de Babilônia, e para sair da cegueira da antiga Jerusalém, para finalmente poderem entrar na cidade santa que “não tem necessidade do sol nem da lua para iluminá-la, pois a glória de Deus a ilumina ...”(Apocalipse, 21-23).



A MURALHA DE URUK

A cidade de Uruk situava-se no Sul da Babilônia, na margem esquerda do rio Eufrates, em uma região que hoje faz parte do Iraque. Ela era considerada um dos centros da civilização suméria entre 3500 e 2900 a.C. Na epopéia de Gilgamesh, é dito que a cidade-templo de Uruk era totalmente separada do mundo exterior “obscuro e perigoso” por uma muralha; e que aí passava um caminho que o rei Gilgamesh deveria percorrer.

A epopéia começa relatando as circunstâncias nas quais um novo dia de manifestação começa para a humanidade, depois da destruição de todos os seus bens pelo dilúvio. Os homens devem, então, recuperar “o tempo de antes do dilúvio” e restabelecer a vida que fora aniquilada. Assim, ainda é traçado mais uma vez, diante dos olhos dos homens, o plano divino de salvação para o mundo e para a humanidade, e são claramente definidas as novas possibilidades de realização deste plano. A fim de libertar os microcosmos da natureza da morte, a luz divina original ofereceu-se novamente à humanidade errante, no início de um novo período de civilização.

DOIS CAMPOS DE VIDA IRRECONCILIÁVEIS

A epopéia de Gilgamesh é, sem dúvida, infinitamente mais antiga do que as cidades da antiga Babilônia. Não é impossível, portanto, que elementos conhecidos (como a famosa cidade de

Uruk) tenham sido escolhidos como símbolos a fim de tornar mais próxima a história de Gilgamesh. Uruk pode ser considerada como símbolo do homem divino original, mas gravemente danificada. A narrativa conta a respeito do estado de riqueza de Uruk e do sinal sob o qual ela havia sido estabelecida: o templo de Ishtar, a deusa do amor e da bondade. Gilgamesh, o rei desta cidade, é “dois terços divino e um terço humano”.

Na doutrina esotérica, sabemos que, em sua origem, o homem era vivificado por três núcleos divinos de vida. Em sua queda, um destes núcleos desapareceu e foi substituído por um novo núcleo temporário formado de matéria, tendo em vista a recuperação do microcosmo. Na narrativa, este elemento de substituição é simbolizado por Enkidu, personagem que habita Uruk em total unidade com Gilgamesh.

Uma “cidade” como a de Uruk representa um microcosmo danificado, apesar de ser formado pela luz divina e, portanto, ser imortal. O poder libertador de uma estrutura como esta também é, portanto, imperecível, apesar do fato de ela renovar-se e adaptar-se às circunstâncias nas quais o caminho da libertação interior deve ser percorrido. Neste sentido, a epopéia de Gilgamesh e de Uruk sempre é atual, mesmo se em nossa época a humanidade precise dar um passo a mais.

O mundo que vemos a nossa volta é uma parte separada da criação. Em esoterismo, esta parte é qualificada de “dialética”, pois é um mundo onde reinam as forças contrárias. Quando a humanidade deixou o Paraíso e entrou na região onde reina “o espaço e o tempo” manifestaram-se forças contrárias “do bem e do mal” e a morte surgiu, a fim de

A alma recupera
a liberdade
que lhe foi
prometida ...
(III. Pentagrama)

preservar o homem da cristalização. Nesta região, também chamada de “ordem de socorro”, o homem mortal vive separado de seu Criador. Em outras palavras, ele já não conhece sua origem.

É por esta razão que é errado acreditar que o Criador criou uma “muralha” em torno de Uruk para expulsar o homem, ou mesmo que seria para proibi-lo de entrar “no campo de vida da força pura divina”.

Quem desejar seguir o caminho da nova vida, observará de tempos em tempos que os obstáculos estão dentro de si mesmo: ele é expulso pela muralha que ele próprio construiu.

Esta muralha existe apenas onde a separação entre o mortal e o imortal não foi anulada. Na realidade, ela mostra simbolicamente a ilusão da “imortalidade terrestre”.

Portanto, a muralha de Uruk protege tanto a cidade quanto aquele que dela se aproxima. A luz protetora da Gnosis irradia da cidade-templo e toca o buscador para guiá-lo até ela e fazer com que aí entre, desde que ele abandone tudo o que pertence a seu ser mortal.

PROTEÇÃO CONTRA A NATUREZA TERRESTRE

Johann Valentin Andreæ descreve uma cidade de luz semelhante em *Christianopolis* e dá as medidas simbólicas que devem ser seguidas durante sua construção. No Apocalipse, capítulo 21, João dá a mesma imagem da Nova Jerusalém, o novo campo de vida no qual a alma que busca a imortalidade é admitida depois de ter deixado para trás todos os seus aspectos terrestres.

Assim, entre o mundo que desviou-se do plano divino (aqui chamado de Babel ou Babilônia) e o próprio plano divino ergue-se uma “ponte” representada pela “Nova Jerusalém” ou “Christianopolis”. Esta “cidade nova” afasta tudo o que é ímpio ou falsamente santo e abre suas

sete portas a todos os que estão preparados da forma exigida. Quem busca esta “nova vida” deve entrar na cidade, desde que deixe falar em si “a mensagem eterna de antes do dilúvio” e se esforce para descobrir e colocar em prática as leis sagradas. Como personalidade — produto da natureza terrestre — ninguém pode entrar em uma cidade como Uruk, pois a muralha de seu próprio ser ergue-se diante dele como um obstáculo intransponível.

O TEMPLO DO JULGAMENTO

Todos os que buscam através dos séculos testemunham que o homem mortal deve fazer interiormente sua auto-entrega ao homem imortal. *As Nupcias Alquímicas de Christian Rosenkreuz* dão um bom exemplo disto. No terceiro dia de sua viagem, Christian Rosenkreuz passa pelo Templo do Julgamento, antes de dirigir-se ao salão nupcial.

É a parte da cidade-templo em que o candidato é julgado apto para atravessar a fronteira entre a vida e a morte.

Quem chegou até aí é colocado à prova e deve mostrar suas verdadeiras intenções. Aí, pesa-se tudo o que possa assemelhar-se à cultura da personalidade, a exercícios e experiências ocultistas e parece que estes bens são impróprios para estabelecer uma ligação duradoura com a Gnosis.

O que se oculta por detrás da aparência na vida cotidiana é desmascarado no Templo do Julgamento. Sete forças, simbolizadas pelos sete pesos da balança, protegem o trabalho divino de salvação contra quem quer que seja que tenha escolhido o caminho por egoísmo e não impulsionado pelo anelo do núcleo imortal dentro de seu coração.

O PODER DO MAL

A muralha que cerca Uruk não serve somente de proteção contra os desejos impuros da personalidade.

Cada um constrói muralhas a sua volta a fim de se proteger contra as ameaças do mundo mortal que o rodeia. Desde o momento em que a humanidade começou a afastar-se da natureza divina, ela colocou-se sob o domínio do fogo não-divino que a mantém distanciada do campo de vida divino. O “príncipe deste mundo” deve obrigatoriamente voltar-se contra o plano divino e colocar tudo em prática para impedir a salvação das almas humanas. Ele coloca-se como adversário do criador e como não está nele o poder criador, ele é completamente dependente da sobrevivência do campo de vida mortal.

Na Epopéia de Gilgamesh este mal é representado por Humbaba: “Seu rugido parece o troar do dilúvio”. Durante um certo período, seu poder vai crescendo e todas as possibilidades de libertação são aniquiladas, até que o limite seja atingido e que somente um novo período de manifestação possa trazer novas possibilidades.

“Sua boca escarra fogo e seu sopro é mortal!” Sua força mantém a humanidade ligada à roda do nascimento e da morte.

Inúmeras narrativas descrevem a possibilidade de atacar um campo de vida gnóstico, mas não de vencê-lo. Em Parsifal, o mal é simbolizado por Klingsor, que tenta entrar na região do castelo do Graal, mas logo é enviado de volta para o “Vale do Além”, de onde ele veio. Em A Flauta Mágica, a Rainha da Noite e suas amas tentam entrar no Templo, mas como esta última tentativa para opor-se à vitória da luz fracassa, e como elas não conseguem retomar Pamina, elas têm que desaparecer.

A CIDADE CONSTRUÍDA POR SETE SÁBIOS

Na introdução da *Epopéia de Gilgamesh* a narrativa conta que o herói, no fim de sua viagem, fala do poder e da beleza de Uruk a seu companheiro, o barqueiro Ur-Shanabi:

*“Sobe, Ur-Shanabi,
e passeia sobre a muralha de Uruk,
examina seus alicerces,
olha que tijolos!
Vê se não são de argila cozida,
e se os alicerces não foram dispostos
pelos sete sábios!”*

No momento em que, na natureza mortal, constrói-se um novo campo de vida imortal, a fim de auxiliar aqueles que buscam a verdade divina fazendo nascer sua alma imortal, um grupo humano arbitrário não está apto a construir, certamente, um templo como este, e a res-

Ruínas da
cidade de Uruk



ponder à doutrina em toda a sua pureza. Para isto, é preciso que, desde o início, seja estabelecida uma ligação com os que os precederam no caminho.

Afinal, é juntos que eles podem evocar a nova força libertadora e oferecê-la a todos aqueles que querem trabalhar com ela. Gilgamesh, o rei de Uruk, é o precursor do caminho. Ele é chamado a esta tarefa e encontra a senda que leva até o sábio Uta-Napishtim com o qual ele estabelece a ligação com os predecessores. Por esta razão, ele não percorre sozinho o caminho de volta, mas ele é acompanhado por Ur-Shanabi, o barqueiro.

os seres humanos querem impedir, a todo o preço, uma só coisa: o desaparecimento da vida centrada no eu! Para isto, cada um coloca em prática todas as forças e todos os meios disponíveis e constrói muralhas de angústia, sem saber que são justamente eles que tornam impossível a execução do plano divino. Desde o momento em que o amor divino abre uma brecha em seu coração assim tão cheio de barricadas, o processo da verdadeira franco-maçonaria pode começar e as muralhas tornam-se ruínas, abrindo o caminho que conduz à cidade-templo e dando a possibilidade de explorá-la.

A ABERTURA DO CAMINHO PELA FRANCO-MAÇONARIA

Cada peregrino a caminho de Uruk era experimentado quanto a sua motivação antes de poder ultrapassar a muralha — assim como o buscador sério, em nossos dias, pois aquele que quer entrar na cidade da luz também deve estar preparado para tornar-se uma pedra de construção e um guardião da luz. Ele somente poderá proteger a cidade se sua motivação for pura e se ele não estiver seguindo nenhum objetivo pessoal. É com esta disposição que ele torna possível entrar e contribuir para sua libertação e de seu próximo. Isto exige uma reviravolta total do ser, uma mudança de comportamento que inclui todos os aspectos da personalidade. Compreensão e desejo são insuficientes, se não forem acompanhados por uma vida pura baseada em um direcionamento totalmente novo.

De acordo com sua natureza, a maior parte dos homens é constituída por construtores ativos. Eles constroem muralhas em todos os aspectos da matéria grosseira ou sutil: muralhas terrestres, fronteiras, muralhas mentais coletivas que os separam, em clãs inimigas e muralhas individuais para se protegerem das influências destruidoras, pois todos

Para esta reconstituição, o pintor Ferguson baseou-se em descobertas arqueológicas de seu tempo (século XIX, British Museum, Londres).

BABEL, BABILÔNIA E A ARTE DA CONSTRUÇÃO

A história de Babel é a história de um projeto ambicioso: a construção de uma torre que vai até o céu. O resultado foi um caos indescritível. A torre jamais foi terminada, pois os construtores acabaram presos em uma armadilha da “confusão de línguas”, confusão que espalhou-se rapidamente por toda a população e por fim por toda a humanidade.

Na antigüidade, entretanto, muitas construções tiveram um outro efeito completamente diferente sobre o meio ambiente, e este efeito ainda perdura.

As pirâmides do Egito, por exemplo, têm uma irradiação que ainda não foi explicada completamente e não deixam de atrair pesquisadores e sábios. Qual seria a diferença entre as pirâmides e a Torre de Babel?

A construção dos monumentos mundanos é o fruto do pensamento humano, mas os monumentos sagrados — no melhor dos casos — estão ligados aos

mais elevados Mistérios. Na criação, a vontade do Pai é transmitida pelo Filho e realizada por uma construção concreta graças ao Espírito Santo. É assim que foi estabelecido o campo de vida original da humanidade pelos construtores inspirados por Deus, como uma expressão perfeita da unidade do Espírito Santo e suas criaturas. A humanidade que havia participado desta unidade pertencia, portanto, ao mesmo tempo ao batalhão de construtores que falavam todos a mesma linguagem, a linguagem do Espírito Santo. Nesta linguagem, todos os pensamentos criam vida, cada palavra faz surgir criaturas sintonizadas com o plano divino, cada som emitido combina os átomos da substância primordial para criar novos mundos.

Em nossa natureza perdida ainda é possível perceber muito desta sabedoria e desta força incompreensíveis do plano de criação divino. São os construtores divinos que edificaram a ordem de socorro em que vivemos e que lhe deram esta beleza indescritível que inspira ao homem o anelo por Deus.





Muralha da cidade de Babilônia antes da restauração.

Reconstituição de uma casa na Babilônia.

Em contrapartida, em segundo plano grassam, tanto hoje como no passado, uma confusão, uma crueldade e um instinto de destruição incompreensíveis. Esta ordem de socorro constitui, por um lado, uma ponte entre as trevas e a luz, uma escola de aprendizagem misericordiosa para a humanidade; por outro lado, é um inferno de sofrimento criado e mantido pelo homem. Afinal, a humanidade dialética perdeu sua qualidade divina quando rebelou-se contra seu Criador e recusou sua missão. Entretanto, ela era dotada de um poder criador capaz de ensinar-lhe as lições da vida. Submetidos a este poder, os homens são forçados a construir, mas eles já não falam a linguagem dos construtores originais que cumpriam uma missão divina. Eles se deixam guiar por idéias confusas e constroem mundos ilusórios onde sua fala continua aprisionada, impotente na incessante batalha entre teses e antíteses. Eles são, e nós somos juntos com eles, os filhos de Babel e Babilônia, os construtores caídos de suas imensas torres terrestres e que não compreendem mais nem a si mesmos, nem ao mun-

do, nem aos outros. E por quê?

CONSTRUIR PELO ESPÍRITO

Uma construção pura no sentido do plano divino apenas se realiza quando o Espírito pode manifestar-se pela alma na matéria.

O Espírito liga-se à matéria e a transforma a fim de lhe dar a possibilidade de atingir uma outra finalidade. Hermes Trismegisto diz que a “razão” transforma o que é “desprovido de razão”. Certas pirâmides egípcias são realizações materiais desta arte da construção. Seu alicerce está solidamente ancorado na terra e seu cume atinge os mundos “imateriais, espirituais”, de onde descem as forças divinas libertadoras até a base. Na Europa, na Idade Média, certas catedrais góticas foram a expressão desta arte espiritual de construção.

A EVOLUÇÃO SERIA UMA IDÉIA ILUSÓRIA?

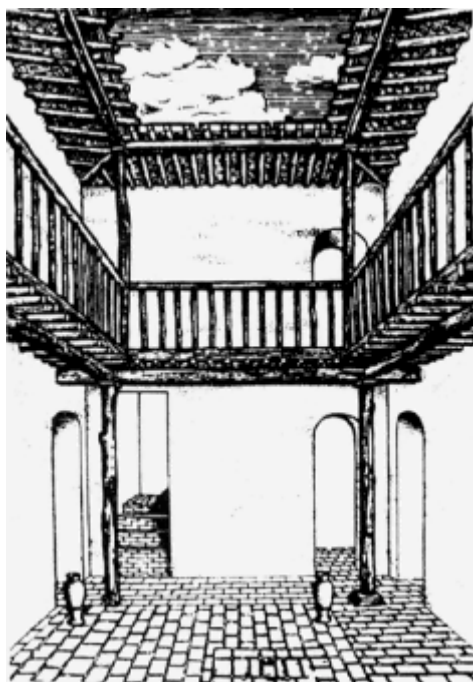
Os homens quiseram “dar-se um nome”, segundo a expressão da Bíblia, e utilizar a matéria a fim de elevar-se até seu Deus e tornarem-se eles próprios deuses; mas eles omitiram o fato de que aqueles que podem voltar à fonte original na realidade estão sem rumo. Aqueles que já não possuem o Espírito não podem tornar-se Espírito. Babel, Babilônia foram construídas por homens terrestres, constituídas de matéria terrestre. Ora, como diz Lao-Tsé, o homem é quando muito a lâmpada que guarda em si a luz mas não a própria luz. É por esta razão que ele deve esvaziar-se de tudo o que acumulou em si para que o fogo, a luz, possa manifestar-se dentro dele. Enquanto ele negligenciar este princípio, ele somente poderá construir “vento”. Sim, ele é obrigado a continuar dentro dos limites da cultura que define a expres-

são : “Tudo é passageiro”! Os construtores de Babel, de Babilônia e os resultados de suas aspirações deram corpo à grande ilusão de que a matéria tem a capacidade de evoluir até tornar-se Espírito. Prisioneiros desta ilusão, eles não abandonam jamais o que decidiram; então eles devem seguir o caminho das experiências amargas, o caminho do extraviio e da destruição, até o dia em que o fogo que os habita seja liberado da ilusão.

Babilônia e Babel estão por toda a parte. Toda a cultura constrói sua própria Babilônia e suas torres de Babel se erguem tão logo tome forma a grande ilusão de que o homem mortal tem a possibilidade de alcançar a eternidade divina mediante suas capacidades e métodos perecíveis: torres de pedra, de

A CONSTRUÇÃO DA MORADA SANCTI SPIRITUS

Os autênticos rosa-cruzes aspiram ao restabelecimento da verdadeira arte da construção. No meio da Babilônia moderna, eles se esforçam — com muitos outros buscadores sérios de Deus — em manter bem aberta a porta de acesso à morada espiritual da humanidade. Eles também exploram as novas sendas para prestar seu auxílio lá onde é possível e oferecer a todos os que o desejam seus tesouros espirituais. Gratuitamente!



prata e de ouro; torres religiosas e filosóficas; torres de poder, de humanitarismo e de ilusão. Elas se tornarão ruína pedra por pedra, seus construtores serão lançados por terra, e sua queda será tão dolorosa e profunda quanto sua grande altura.

A TORRE DE BABEL (GÊNESE, CAPÍTULO 11)

1. *Em toda a terra havia apenas uma linguagem e uma só maneira de falar.*
2. *Sucedeu que, partindo eles do Oriente, deram com uma planície na terra de Sinear; e habitaram ali.*
3. *E disseram uns aos outros: Vinde, façamos tijolos, e queimemo-los bem. Os tijolos serviram-lhes de pedra, e o betume, de argamassa.*
4. *Disseram: Vinde, edifiquemos para nós uma cidade e uma torre cujo topo chegue até os céus, e tornemos célebre o nosso nome, para que não sejamos espalhados por toda a terra.*
5. *Então desceu o Senhor para ver a cidade e a torre que os filhos dos homens edificavam;*
6. *e disse: Eis que o povo é um, e todos têm uma mesma linguagem. Isto é o começo; agora não haverá restrição para tudo que intentam fazer.*
7. *Vinde, desçamos e confundamos ali a sua linguagem, para que um não entenda a linguagem de outro.*
8. *Destarte o Senhor os dispersou dali pela superfície da terra; e cessaram de edificar a cidade.*
9. *Chamou-se-lhe, por isso, o nome de Babel, porque ali confundiu o Senhor a linguagem de toda a terra, e dali os dispersou o Senhor por toda a superfície dela.*

“Quanto à opinião de alguns cabalistas segundo a qual existia na antigüidade uma só ciência e uma só linguagem, ela também é a nossa e é completamente verídica. Mas é evidente que é preciso acrescentar que, depois da submersão da Atlântida, esta ciência e esta linguagem sempre foram esotéricas. O mito da Torre de Babel está relacionado a este segredo que era obrigatoriamente bem guardado. Os homens decaídos pelo pecado original já não foram considera-

dos dignos o bastante para receber tal conhecimento, e este foi reservado a um pequeno número, ao invés de ser geral. Como as gerações seguintes foram pouco a pouco privadas da “linguagem dos Mistérios”, todos os povos sem exceção foram limitadas à linguagem de sua sabedoria particular; eles esqueceram-se da linguagem da sabedoria original e acharam que o Senhor, um dos mais importantes senhores ou hierofantes dos Mistérios de Javeh Elohim, havia confundido a linguagem de toda a terra a fim de que os homens que haviam pecado já não pudessem ser compreendidos uns pelos outros. Entretanto, sempre houve iniciados em todos os países.”

*(A Doutrina Secreta,
Helena Petrovna Blavatsky)*

“UMA SÓ LINGUAGEM E AS MESMAS PALAVRAS...”

“No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e nada do que foi feito foi feito sem ele” (João, 1: 1-3).

A criação começa com o Verbo divino todo-poderoso.

Pelo Verbo, a palavra falada, Deus transforma suas idéias em manifestação.

Esta força original fundamental mágica faz nascer as criações divinas. O ato original criador da vida que está na base de toda e qualquer manifestação é a emissão do Verbo: “Pois ele falou, e tudo se fez; ele mandou, e logo tudo apareceu” (Salmos, 33:9).

A “CONFUSÃO DAS LINGUAGENS”

Quando o homem ainda estava ligado à “causa primeira”, e portanto era uno com seu Criador, ele também participava desta força. É dito na Bíblia: “Toda a terra tinha uma só linguagem e um só idioma” (Gênesis, 11:1). Mas, pelo egocentrismo e pela presunção, os homens quiseram “tornar célebre o nosso nome” e eles disseram entre si: “Vinde, edifiquemos para nós uma cidade e uma torre cujo topo chegue até os céus...” A Bíblia conta então como a humanidade, que estava cega, foi separada do campo de vida divino e perdeu sua linguagem única, a Palavra viva de Deus.

Não houve mais unidade de consciência porque a humanidade foi sintonizando progressivamente com as leis do mundo dialético, no qual ela foi mergu-

lhando cada vez mais profundamente; depois da confusão das linguagens de Babel, a maioria dos humanos não conseguiu guardar mais do que uma lembrança deformada da linguagem original. De acordo com as condições de vida de uma parcela da humanidade, os meios de expressão foram-se desenvolvendo com o auxílio de ruídos, sons e vibrações emitidos pela laringe.

COMUNICAÇÃO SEM COMPREENSÃO

No mundo de hoje muitos povos e raças têm sua própria linguagem. De acordo com um estudo científico, existem cerca de 4.000 linguagens: uma profusa confusão que realmente não favorece a compreensão entre os povos. Além disso, o crescente individualismo torna a compreensão mútua mais difícil ainda.

Portanto, não é de se espantar que a “comunicação” seja a palavra-chave do mundo moderno.

Um dilúvio de palavras derrama-se diariamente sobre a humanidade pelo rádio, pela televisão e pela imprensa. Telefonamos e passamos fax, trocamos informações através das redes bancárias de dados, e cada um pode participar de grupos de estudos e debates. Mas parece que todos estes esforços de comunicação só fazem com que nos isolemos mais ainda uns dos outros. Apesar de muitos de nós conseguir falar diferentes linguagens, há cada vez menos compreensão e nunca falamos no mesmo nível. A comunicação moderna não consegue lançar uma ponte entre os corações, esta ponte que é o alicerce da verdadeira compreensão. A alma consciente, que recebe a compreensão

da Gnosis, a força divina, está perdida.

Se a consciência da alma “congelada” já não sente nada da linguagem original divina que une, e portanto dá segurança, e se ela somente pode utilizar a linguagem dialética, fria e limitada, nós apenas falamos por falar.

Então, estamos-nos atordoando uns aos outros com chavões, e debaixo de uma avalanche de sons ensurdecedores nos esforçamos para urrar, expressando nosso doloroso sentimento de solidão e para não escutar as reprimendas de nosso coração. Esta linguagem já não é durável e jamais poderá expressar a verdade. Hoje reina a confusão, assim como as discussões sem fim, cada vez mais tentativas de ultrapassar a separação básica, e, para completar, resta apenas um desejo de reaproximação total.

Presumimos a existência da Unidade e isto sempre estimulou a busca da linguagem original. É assim que quase todos os homens buscam a possibilidade de sair da prisão na qual vivem separados uns dos outros, para conseguir realmente comunicar-se entre si.

A LINGUAGEM É UM PODER CRIADOR

A linguagem não serve somente para comunicar, mas também para expressar a vontade. Afinal, por mais que o poder da palavra tenha perdido suas raízes, a palavra falada e escrita continua carregada de força. A Doutrina Universal diz que, em um passado remoto, uma parte da força criadora dirigida para baixo foi orientada para o alto para desenvolver o cérebro e a laringe. Os órgãos genitais e a laringe têm a mesma fonte. Neste sentido, a palavra é uma expressão do poder de reprodução, e portanto ela é altamente criadora.

Geralmente a magia é considerada uma arte secreta que utiliza as forças supra-sensoriais. A magia baseia-se principalmente na palavra. O chakra da garganta emite uma certa vibração em que os estados de alma desempenham

um papel importante, assim como o pensamento e sua expressão por meio da voz.

O efeito da “palavra mágica” finalmente é determinado pela motivação do mágico e pelas forças de seu campo de respiração e do campo de respiração do “receptor”. Portanto, não é apenas o tom que determina o efeito desejado.

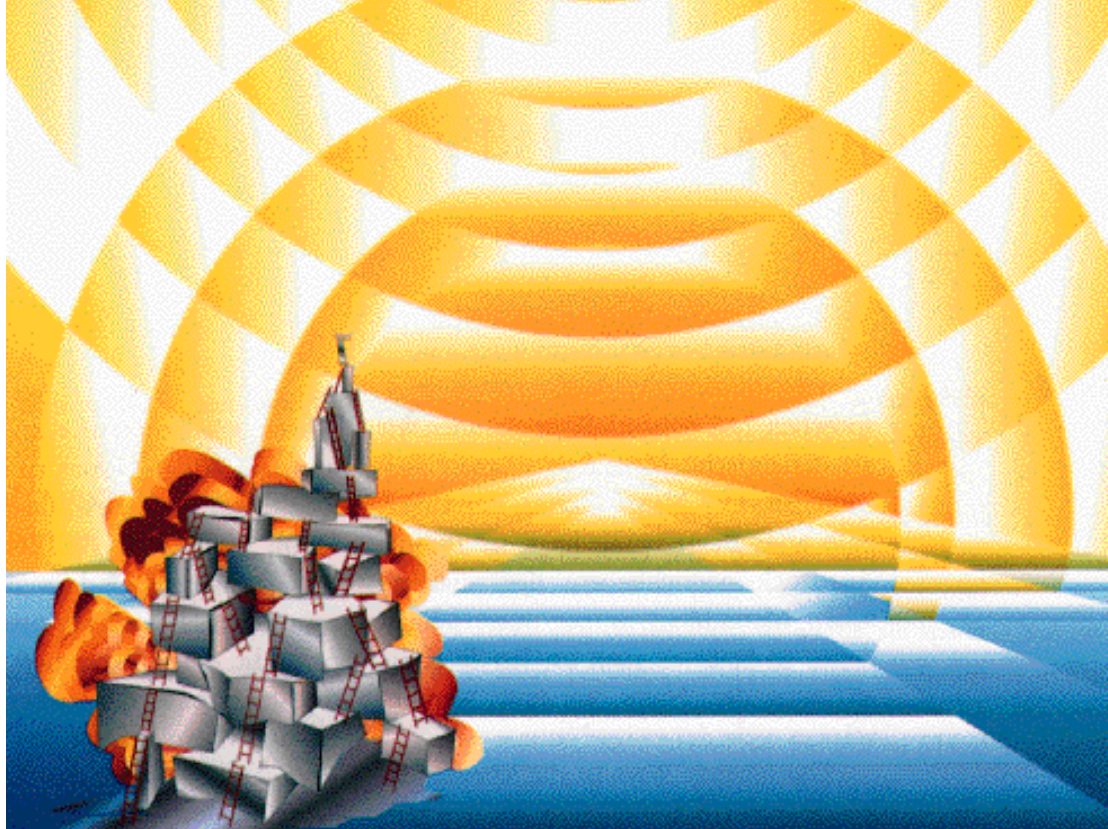
A vontade do homem é mágica. Ela atrai as forças do ambiente e as manipula antes de enviá-las novamente. É um contínuo processo de criação, no qual o homem constrói sem descanso com seus pensamentos, seus sentimentos e suas palavras, geralmente apenas para dar provas de si mesmo. Se ele vive em interação com as leis da natureza mortal, sua “construção” também é mortal.

Porém, se ele vive e age de acordo com as exigências do plano divino, ele pode fazer surgir a alma imortal. Mesmo mantendo-se afastado de toda e qualquer magia exercida conscientemente, ele sempre estará agindo magicamente.

Jan van Rijckenborgh, autor da *Gnosis Chinesa* (Rozekruis Pers, Haarlem, 1992, p. 243), escreve: “Quando inspirais, a matéria astral penetra em vossa cabeça através de vosso campo de respiração e vos impulsiona a uma determinada atividade mental. Quando expirais, vossa voz ressoa e, pela palavra, concretizais a imagem, a força, a vibração trazidas pela substância da respiração, e deste modo transmutais os valores astrais em realidade vivente, ativa e mágica. Falar é, portanto, uma atividade criadora e isto acontece graças à expiração.

O mental, e portanto o astral, tornam-se perceptíveis graças à expiração, quando a laringe expulsa o *prana* em todos os níveis sutis de seus diversos estados vibratórios que correspondem às representações mentais que ele veicula.

Assim o prana transforma-se em sons. Vogais e consoantes compõem imagens sonoras em caracteres mágicos.



Todas estas imagens sonoras têm como região de origem o astral. Esta região, por meio da magia da fala é evocada, vivificada, liberada, dinamizada. Esta atividade, esta magia, naturalmente tem efeitos, conseqüências diretas, conseqüências muitas vezes salvadoras e libertadoras, mas muitas vezes aprisionadoras e muito perigosas, tanto para aquele que fala como para aquele que ouve”.

Assim, fica claramente demonstrado que é importante deixar de falar descontroladamente, pois uma palavra pincelada com crítica, inveja, ciúme, ódio ou egoísmo é sempre um veneno mortal, tanto para quem a pronuncia como para aquele que a escuta. Mas, ao mesmo tempo, as possibilidades oferecidas pela fala manifestam-se quando ela é animada pelo princípio central imortal do ser humano. Assim, a palavra pronunciada é capaz de transmitir alguma coisa da força imortal de um homem a outro.

O NOME QUE NÃO PODE SER PRONUNCIADO

“O Verbo vivente” não pode ser pronunciado por alguém que ainda está profundamente enraizado no mundo das forças contrárias. O nome do Criador não pode ser pronunciado e escapa ao poder de expressão do homem dialético. Lao-Tsé diz, no capítulo I do *Tao Te King*: “Se Tao pudesse ser definido, ele não seria Tao eterno. O nome que pode ser expressado não é o nome eterno”. O Verbo vivente é a vibração divina que, atravessando o cosmo inteiro, dá vida a tudo. “Esta Palavra é chamada na Doutrina Universal de “o nome misterioso de Deus”, composto por seis ou sete letras. É a designação da santa força sétupla, das sete forças gnósticas por meio das quais pode ser realizada a santificação do homem que volta para Deus. O nome de Deus é a própria Gnosis, é o próprio Deus. Com estes sete raios, tudo pode ser realizado” (Jan van Rijckenborgh em *A Gnosis em sua atual manifestação*, Lectorium Rosicrucianum, 1984, 1^o edição).

Quem aprende novamente a compreender o nome de Deus e começa a pronunciá-lo com a intenção original, faz com que dentro de si termine a “confusão das linguagens”. “E há de ser que

A Nova Era mostra a moderna Torre de Babel sob seu verdadeiro aspecto (III Pentagrama).

todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo” (Joel, 2: 32). Esta invocação não tem nada a ver com a atividade da laringe, mas é uma redescoberta de nosso nome, que está inscrito no Livro da Vida.

guas de fogo e para receber sua sabedoria e seu amor. Quem abandona tudo o que o liga à terra está pronto para a nova vida.

A CHAVE DA IMORTALIDADE

Quem consegue restabelecer a unidade com a centelha divina dentro de seu ser e quer, portanto, aprender a agir de acordo com a vontade divina; quem pode fazer crescer esta nova consciência, haverá de transformar-se e transfigurar-se, célula por célula.

E este processo de regeneração liberará um novo som, vibrante e em perfeita harmonia com os sete sons cósmicos.

Assim haverá de crescer o poder, permitindo que a alma pronuncie novamente o Verbo divino. Os Atos dos Apóstolos, capítulo 2, versículos de 1 a 4, fazem uma descrição deste estado sublime de ser: “No Dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um ruído como que de um vento impetuoso e encheu toda a casa em que estavam sentados. E lhes apareceram umas línguas como que de fogo, que se distribuíam, e sobre cada um deles pousou uma. E todos ficaram cheios do Santo Espírito, e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem”.

As “línguas” simbolizam a força de fogo da Gnosis. Quem está preenchido com este fogo fala uma linguagem inspirada pelo Espírito.

Quem quiser receber novamente esta linguagem perfeita deve preparar todo o seu ser para poder suportar estas lín-

CONHECIMENTO DOS ASTROS, DE SEUS MOVIMENTOS E INFLUÊNCIAS

A ciência que trata da atividade dos astros é muito antiga. A divisão do céu em doze forças que governam o universo já era conhecida dos sumérios, dos assírios e dos caldeus. Esta ciência servia, entre outras coisas, para magos e sacerdotes aconselharem seus reis. Os doze signos do zodíaco talhados na pedra e todo o tipo de representações e ornamentos testemunham a necessidade de observar o céu e de aí ler a vontade dos deuses e o destino dos povos.

No tempo da Babilônia, os planetas eram considerados as moradas dos deuses. O deus supremo, Marduk, morava em Júpiter; a deusa Ishtar, em Vênus; Nergal vinha de Marte e Ninurta está ligado a Saturno. Os deuses que, de acordo com suas ações sobre os homens, eram amados ou temidos por eles, exerciam sua influência a partir dos corpos celestes onde moravam. Por meio da astrologia, os sacerdotes esforçavam-se para impedir estas influências, ou fazê-las crescer. Eles estudavam os movimentos dos corpos celestes e suas mútuas relações, interpretavam suas ações e daí tiravam suas profecias. A arte da profecia constituiu, desde o início, um aspecto essencial da astrologia.

Inúmeras figuras do zodíaco ocidental provêm das mitologias mesopotâmica, grega e egípcia. A ciência astrológica dos babilônicos espalhou-se sobre quase todo o Oriente Médio, a Índia, o Egito e a Grécia.

Reservada inicialmente aos sacerdotes e magos, ela logo ficou acessível aos profanos. Na antiga Roma, a adivi-

nhação astrológica florescia entre o povo, exatamente como hoje.

A IMPORTÂNCIA DA HORA E DO LUGAR DE NASCIMENTO

Admite-se que é na Grécia que foi estabelecido o primeiro horóscopo de nascimento. Um horóscopo é a imagem do céu na hora do nascimento. Graças a ele, o astrólogo esforça-se por determinar e explicar o destino ou o caráter de um ser humano como se ele fosse uma projeção de forças ativas do universo. A personalidade é, então, encarada como a imagem reflexa do firmamento: é a representação exata da situação dos astros no momento em que a vida começa.

Um sistema como este, que se apoiava somente nos astros mortais — ou seja, os astros que pertencem à esfera dialética — somente interessa à matéria mortal. Somente as influências do cosmo dialético são, portanto, registradas: e é sobre esta base que o futuro é previsto. Como estas considerações sobre o homem não levam em conta nenhuma das forças ou irradiações que emanam da vida imortal, este tipo de previsão é sempre especulativo e muito parcial.

SERIA UM MODO DE CHEGAR AO AUTOCONHECIMENTO?

Claro que é possível obter, desta maneira, alguns esclarecimentos que dizem respeito à estrutura da personalidade. Mas, se compararmos este método a um iceberg, ele daria apenas o conhecimento da parte que está na superfície. O verdadeiro autoconhecimento não se

ensina, mas vai sendo adquirido pouco a pouco, graças a um processo no qual a vida é o mestre e a consciência, o aluno. As experiências que daí resultam levam até os recantos mais obscuros do ser e levam mais longe ainda que o conhecimento obtido pelo tema astrológico de um só momento. Todos os homens têm regularmente a ocasião de receber golpes do destino — confrontações, doenças e problemas interiores — assim como lições que a vida vai-lhe dando. Assim, cada um recebe oportunidades de adquirir compreensão: oportunidades que são dadas a todos os homens. A personalidade começa reagindo e reforçando a couraça por detrás da qual ela busca proteger-se. Seguir e experimentar este processo equívale a vivenciar

Marco da fronteira de Babilônica, 1120 a.C., com uma figura do zodíaco. (British Museum, Londres)



uma ruptura tão profunda que a couraça acaba por romper-se, e a consciência já não pode dissimular-se, constrangida a realizar a escolha definitiva. Se esta escolha for direcionada para um restabelecimento da ligação rompida com o Criador, o desejo dá acesso à vida ilimitada, imortal, eterna.

Neste sentido, a astrologia pode fazer com que a pessoa dê um pequeno passo rumo ao bem superior. Mas o buscador ignorante geralmente considera o tão limitado conhecimento da astrologia como a “única e grande verdade”! É por isso que se segue a advertência, bem oportuna: o conhecimento astrológico colocado em prática com ignorância pode reforçar a tendência materialista da qual a pessoa gostaria de livrar-se.

A astrologia tem exercido, desde a antigüidade, uma grande atração sobre aqueles que buscam sua origem. Entretanto, esta atração também pode bloquear a porta da libertação interior. No que diz respeito à verdadeira vida imortal, esta antiga ciência é incapaz de ajudar verdadeiramente os homens de nosso tempo a seguir em frente, pois ela utiliza exatamente as forças que eles devem abandonar para tornar-se verdadeiramente livres interiormente.

ONDE ESTÁ A PORTA DO NOVO MUNDO?

A existência perecível é um reflexo deformado da vida imutável. Nos escritos antigos, a astrologia também é chamada de “o conhecimento da luz e da origem da vida”, referindo-se a uma ciência que tratava das irradiações e das influências que não se limitam à natureza mortal. Esta sabedoria divina oculta em todos os seres humanos torna a todos capazes de resolver a “confusão das línguas” que aconteceu em Babel. Por esta razão, não é necessário decifrar os signos astrológicos e suas combinações, pois a Palavra divina é a mesma para todos.

Jan van Rijckenborgh descreve em *Dei Gloria Intacta* como o sol espiritual central serve-se das atividades planetárias para salvar a humanidade decaída no “sistema solar exterior”.

O Criador fala a sua criatura na “língua dos astros”, que não são astros perecíveis que podemos contemplar, mas focos de irradiação do universo inviolado que despertam e provocam a atividade do princípio fundamental do homem: a rosa-do-coração. Esta sabedoria original faz com que o buscador possa entrever a atividade espiritual de cada planeta do sistema solar original.

A FORÇA TRÍPLICE DOS PLANETAS DOS MISTÉRIOS

Em nossa época, o impulso divino é diretamente transmitido pela atividade espiritual dos Planetas dos Mistérios: Urano, Netuno e Plutão. No início da Era de Aquário, estes planetas provocam mudanças essenciais nos seres humanos; se eles não estivessem preparados para a nova era, seus sistemas estariam arriscados a serem atacados e gravemente danificados. A ação destes planetas deve torná-los capazes de compreender o chamado da alma divina original.

Urano age sobre o coração, lançando-o na inquietude e liberando-o das antigas normas e tradições que foram perdendo a força. A atividade espiritual de Netuno toca o poder mental e o dispõe a compreender o toque divino no coração. Um coração renovado e purificado pode liberar a alma prisioneira e prepará-la para receber a sabedoria divina. Ela vê como pode ser salva e como esta salvação irá influenciar a libertação de muitas outras almas humanas escravizadas.

O campo de irradiação de Plutão dá a força necessária para percorrer o caminho da libertação interior através de todos os obstáculos. Plutão é a força da realização. Suas energias espirituais tor-

nam cada pessoa capaz de adotar um comportamento totalmente novo, capaz de fazer nascer interiormente a força crística e fazer crescer a nova alma imortal.

Graças a Plutão, a força do Espírito Santo pode desenvolver-se em um ser de tal modo que ele consiga renovar o corpo, a alma e o Espírito, pois é um estado de ser totalmente novo que dá acesso à natureza original. Entretanto, esta tríplice irradiação espiritual não é compreendida nem utilizada para atingir a meta à qual ela é destinada, e age em sentido inverso.

A Era de Aquário põe fim a um antigo processo de desenvolvimento, e para a maioria a cultura da personalidade atinge seu ponto final. Com a ajuda da força crística, o homem pode agora acabar com a prisão que ele mesmo construiu ou então prender-se mais fortemente ainda à matéria.

NEUTRALIZAÇÃO DO PODER DO HORÓSCOPO

A base da renovação fundamental para o qual todos os seres humanos são chamados é a “rosa-do-coração”, o sol



Astrolábio assírio do século VII a.C. (British Museum Londres).

divino que está no centro do microcosmo. Este sol é o eixo oculto da roda da verdadeira vida na correnteza do tempo; é o Décimo-Terceiro Eão que transcende os doze eões da natureza, o princípio de eternidade que está no coração de todos os seres humanos. Este Décimo-Terceiro Eão não somente escapa a toda e qualquer influência e a todo e qualquer cálculo astrológico como também tem o poder de aniquilar as forças dialéticas fundamentais, os deuses do sétimo domínio cósmico. Os horóscopos que tratam da existência que está em constante transformação já não funcionam e o morador do microcosmo é libertado desta prisão. A teia de aranha das forças que vêm do passado pode assim ser rasgada e o homem empenha-se no processo de renovação e consegue contemplar o Reino de Deus. Um momento como este não poderia ser atingido por práticas astrológicas.

Aquele que abre sua cabeça e seu coração e aspira à força cósmica libertadora de Cristo, esta nova força tão antiga, terá o poder de vencer a lei de seu karma astrológico.



Problema de matemática em uma placa de argila (Museu de Bagdá, no Iraque).

A EUFORIA PELO PROGRESSO E PELA TÉCNICA

A história da construção da Torre de Babel, que dá um exemplo característico de uma ação tomada pela humanidade fora do plano divino, o que provocou sua queda, é tão atual hoje em dia como já foi antigamente.

Quem é que nunca pensou na Torre de Babel, mesmo involuntariamente, ao ver os arranha-céus de Nova Iorque ou as torres vertiginosas das grandes cidades modernas? Assim como nos séculos passados, o homem sempre deseja elevar-se, cada vez mais alto. As paredes de vidro dos prédios altíssimos dos bancos reluzem no céu das grandes cidades. Estas construções fazem pensar, às vezes, naquela torre que os patrícios da Idade Média fizeram construir em San Gimignano, na Toscana, para mostrar seu poder e sua soberania.

Mas não são somente estas construções que evocam a Torre de Babel. Os engenheiros enviaram sondas a Marte e a Vênus e tiraram fotos ampliadas do planeta Júpiter e de Saturno. Há outras razões além das científicas para estas explorações. A descoberta das duas Américas, por exemplo, foi, entre outras, o resultado de novas rotas para as Índias; assim como a vontade de fazer do cristianismo um poder político! A ciência aeroespacial moderna mostra que a humanidade prepara-se não somente para descobrir os segredos do “céu”, mas também para submeter-se este domínio.

O tema Torre de Babel sempre será muito atual. A vida na sociedade moderna industrializada mostra que a humanidade procura sempre progredir cada vez mais. Neste sentido, o computador

desempenha um papel importante, pois ele é capaz de estabelecer contatos com o mundo inteiro em poucos segundos e também fornece uma quantidade incalculável de informações.

“PROGRESSO” AINDA É UMA PALAVRA MÁGICA

A palavra “progresso”, que geralmente tem uma conotação positiva, expressa o desejo de igualar-se a Deus ou de pelo menos fundar um reino paradisíaco na terra. Na primavera, quem sai para passear sente prazer em constatar a renovação da natureza e o camponês fica feliz em ver a nova vitalidade que lhe promete uma rica colheita. Os pais ficam orgulhosos em ver seus filhos crescerem e desenvolverem-se bem, e os políticos sentem-se livres de muitas preocupações quando a economia está florescente. Mas, onde o crescimento material é a base de todas as atividades e é considerado como um princípio nobre, o orgulho entra em cena. O atual desenvolvimento econômico mostra claramente que um crescimento estimulado e mantido artificialmente custa bem caro.

O progresso econômico depende estritamente das fontes de energia natural. Mas também neste caso há limites, quando a técnica não é sempre suficiente e quando a exploração exige pesados investimentos. Com a energia nuclear, a relação entre custo e benefício parece ser satisfatória, mas a eliminação do lixo atômico e dos produtos secundários ainda é um problema não resolvido. Quando o homem intervém na natureza em seu próprio proveito, ele perturba o equilíbrio frágil que deve existir entre crescimento, florescimento e morte.

PERTURBAÇÃO DO EQUILÍBRIO NATURAL

Por equilíbrio natural, entende-se que tudo o que evolui e desaparece, tudo o que cresce, floresce e morre sobre a terra, mantém-se em equilíbrio. Se o homem intervém deliberadamente na economia da natureza sem se dar conta de suas leis, ele provoca catástrofes para si mesmo e para os da sua espécie. Os lixos das grandes e pequenas empresas — principalmente aquelas que exploram a energia nuclear — mudam este equilíbrio. E a natureza somente consegue restabelecê-lo com um esforço cada vez maior e perdendo cada vez mais sua força vital. Além disso, há o aumento da poluição (tanto por matérias radioativas como por produtos químicos não-degradáveis), que é nociva para todos os seres vivos.

Desde que a humanidade saiu da ordem divina e quis igualar-se a Deus sem viver nem agir para Ele e por Ele, desde que ela começou a agir deliberadamente com segurança e egocentrismo, ela tornou-se vítima de sua própria sede de destruição. Esta evolução diz respeito, em primeiro lugar, aos filhos de Deus. Eles “caíram” e como resultado deu-se uma situação tal que a humanidade terrestre viu-se perdida. Mas, o Criador não abandona sua criatura, como diz a epopéia de Gilgamesh, epopéia que esboça uma fase do plano de salvação para transmiti-la à humanidade desta época. Nesta epopéia também é descrito como o homem terrestre pode executar uma tarefa importante no processo do “devir divino”, com a condição de conhecer esta tarefa e cumpri-la.

As atividades consideravelmente egocêntricas e a ânsia pelo poder do homem puramente centrado em si mesmo acarretam o esgotamento e a destruição das forças vitais. Vestígios de civilizações profundamente desenvolvidas que não respeitavam nem as leis divinas nem as leis humanas são um testemunho disto, e são o presságio do

futuro esgotamento da energia vital da terra. É por esta razão que é bom adquirir uma boa compreensão das leis que o Criador nos legou para conservar a natureza mortal a fim de que ela possa cumprir sua tarefa.

Nesta natureza mortal encontram-se correntes de uma outra natureza, que se opõem à presente evolução. Elas denunciam a tendência atual de querer ir sempre mais longe e esforçam-se para estimular a vida terrestre e conservá-la. Do ponto de vista esotérico, isto é muito importante, pois a terra é a escola de aprendizagem da humanidade; ela deve ser mantida pelo maior tempo possível, pois é por ela que os microcosmos danificados podem receber a possibilidade de encontrar o caminho de volta para a ordem divina durante este dia de manifestação.

O impulso gnóstico que toca a humanidade tem, nesta época, um objetivo muito mais vasto. Não se trata tanto de restabelecer as antigas possibilidades quanto de utilizar as novas possibilidades de um modo justo e consciente. A Gnosis constrói uma arca para todos os que não querem prolongar a qualquer preço a vida terrestre, mas descobrir novas possibilidades e colocá-las em prática. Ela procura fazer com que os humanos compreendam que eles estão fazendo um grande mal para suas almas imortais entregando-se desenfreadamente à vida temporária na matéria.

GNOSIS: FONTE DE ENERGIA

Do ponto de vista esotérico, o mundo mortal é uma ordem de emergência cuja tarefa é mostrar ao ser humano que sua verdadeira pátria encontra-se em outro lugar; que ele tem a missão de voltar para a ordem divina despertando em si o filho original de Deus, pois é ele que terá acesso ao campo de vida divino.

A Escola Espiritual da Rosacruz Áurea baseia-se neste plano de salvação: deste modo, ela coloca-se no centro da



vida e do ensinamento da Gnosis, a força divina que revela tudo.

A Gnosis pode manifestar-se se o ego não ocupar mais o lugar central e deixar crescer a alma imortal, em um processo de renovação total. Quando um ser humano desperta a reminiscência do reino de onde seu microcosmo “caiu” e quando nasce dentro dele o desejo sincero de encontrar a nova vida, então ele com certeza e conscientemente questiona seu plano de existência terrestre. Ele sente cada vez mais nitidamente que já não é possível encontrar a força divina no mundo mortal, e então sua necessidade de expressar-se neste mundo desaparece. Para ligar-se novamente com a fonte celeste que corre eternamente, não há nenhuma necessidade de fazer uma “torre terrestre”, pois uma “torre interior” se levanta dentro de cada um de nós. Nós a descobrimos quando abandonamos toda e qualquer preocupação a respeito de manter nosso eu e quando nos desinteressamos completamente da vida perecível.

Por outro lado, manifesta-se uma energia inesgotável e a taça na qual esta força se derrama — o corpo da nova alma — é formada de materiais incorruptíveis. No escrito dos rosa-cruzes do século XVII, intitulado *As Núpcias Alquímicas de Christian Rosenkreuz*, a “Torre do Olimpo” aparece co-

mo o oposto da Torre de Babel. Se a Torre de Babel é o símbolo do desejo ávido de atingir o poder divino, a Torre do Olimpo é a torre da preparação perfeita a serviço do Criador. A primeira Torre representa a difícil ascensão, pelas diversas fases do desenvolvimento da consciência terrestre, até ousar querer fazer o salto na eternidade por meio de um caminho profundamente egocêntrico. O caminho percorrido por Christian Rosenkreuz é o da submissão de seus próprios desejos ao plano divino, a fim de concretizar a realização do novo homem. Ao ego que luta contra a morte, apesar de saber de antemão que vai perder, ele opõe o novo homem-alma, que sabe de antemão que sairá vitorioso porque nasceu de Deus. Esta é evolução que representa um verdadeiro progresso.

A moderna rede de comunicação reina sobre o mundo (foto Pentagrama).



O MAR DA PLENITUDE

Algumas horas mais tarde, após percorrermos bom trecho do caminho em agradável conversação, divisamos a Torre do Olimpo. Por este motivo, a virgem ordenou que se desse sinal de nossa chegada com alguns tiros, e assim aconteceu. Logo depois, vimos que uma grande bandeira branca foi içada, e um pequeno navio dourado foi enviado a nosso encontro. Quando ele aproximou-se de nós, nele vimos, sentados, um ancião, o guardião da torre, com alguns servos vestidos de branco. Fomos recebidos amigavelmente por ele, que nos conduziu à torre. Esta torre situava-se em uma ilha perfeitamente quadrada, cercada por uma muralha tão sólida e espessa que contei 260 passos para atravessá-la. No lado interior, encontrava-se maravilhoso prado com muitos jardins, em que cresciam frutos estranhos e desconhecidos para mim; depois dos jardins, havia um muro que cercava a torre, a qual parecia haver sido construída pela justaposição de sete torres redondas, das quais a do centro era um pouco maior do que as outras. Interiormente elas se interpenetravam, e havia sete pisos superpostos.

A torre parecia haver sido construída pela justaposição de sete torres redondas, das quais a do centro era um pouco maior do que as outras. Interiormente elas se interpenetravam, e havia sete pisos superpostos.

“... Sobre esta base, no Mar da Plenitude de Vida, é alcançada a ilha onde brilha a Torre do Olimpo. Isso significa: agora se realiza o grande encontro com a força nuclear da nova manifestação de vida, e isso não como toque abstrato, porém no sentido de um encontro consciente... Esta mesma atividade poderosa, essa grande e única tarefa de vida também é a origem do símbolo da jovem Gnosis: círculo, triângulo e quadrado, o símbolo que é colocado na luz dos sete candelabros. Em suma, o mar, a ilha e o Ancião Santo com seus auxiliares.”

Jan van Rijenborgh, *As Núpcias Alquímicas de Christian Rosenkreuz*, tomo II, p. 177 e 180-181.

BABEL E O SÉCULO XX

A construção da Torre de Babel ocasionou muitos comentários, todos com as características de cada cultura e de cada época. Ao longo dos séculos, o instinto de conservação da humanidade expressou-se pela edificação de imensos monumentos.

A partir do momento em que o homem ligou-se à matéria, ele procurou domá-la e ignorou seu Criador. Mas, ao mesmo tempo, muitos impulsos espirituais eram enviados, incessantemente, para tentar deter a queda da humanidade. Os monumentos disseminados através do mundo são o testemunho destas tentativas. Estas construções — muitos templos, alguns que eram cidades inteiras — tinham como objetivo trazer o homem até o ponto de partida de sua existência: o tempo de antes da queda, que o arrastou para a imersão na matéria.

Desde o início, foi oferecida toda a assistência e orientação para a humanidade e, para tornar este auxílio mais eficaz, foram construídos santuários e estabeleceu-se onde os guias espirituais da época haveriam de transmitir sua mensagem aos fiéis. Estes locais santos eram quase sempre o símbolo da construção espiritual que o grupo em questão deveria edificar em comum.

Aqueles que, por alguma razão, quisessem seguir seu próprio caminho de desenvolvimento, afastavam-se cada vez mais do auxílio que lhes era oferecido. Eles reagiam, talvez, à reminiscência da vida antes da queda, mas buscavam a solução na matéria. Também construíam seus templos “de tijolos”, de acordo com a expressão bíblica, para expressar sua busca pelo poder terres-

tre. E muitos santuários antigos foram recuperados por homens que desejavam exercer seu poder sobre a humanidade. Em consequência disso, eles fizeram com que estes locais, que em sua origem eram santos, passassem a ser simplesmente lugares onde praticavam magia negra, comércio e as mais diversas atividades. Assim, podemos considerar a construção da Torre de Babel uma imitação do “caminho que sobe”, uma réplica da Torre do Olimpo onde seguimos a senda que permite escapar da evolução na matéria.

A TORRE DE BABEL DO HOMEM MODERNO

No século vinte também é oferecida à humanidade uma nova possibilidade de chegar à libertação interior, e ao mesmo tempo há uma caricatura desta senda. O conceito de “templo” como “casa de Deus” degenerou-se, e foi nivelado pelo nível mais baixo.

Hoje, esta palavra está quase sempre associada a dinheiro, poder, ciência, arte e cultura, e até mesmo à alta gastronomia! A ciência nuclear, a eletrônica, as telecomunicações e os meios de comunicação modernos têm seus próprios “templos”. Todos os que querem manifestar-se neste setor constroem seu “templo”, os templos da atual Babel! Com os computadores e os bancos de dados, tenta-se adquirir a onisciência divina e realizar a grande fraternidade humana. Inúmeras bibliotecas, editoras e centros de informação já estão ligados uns aos outros pela “memória mundial” da Internet. Com o computador, qualquer pessoa pode ir atrás de informações e conseguirá obtê-las em qualquer parte do mundo, a partir do banco de

dados, os principais atores deste jogo — e eles mesmos dizem isto — procuram unir-se a todos os homens graças a esta rede, de tal forma que todos possam trocar toda e qualquer informação.

Isto já está acarretando problemas enormes. O que é habitual em um país pode parecer um crime em outro. O que um diz, o outro pode achar melhor guardar para si mesmo.

O que é admissível e o que não é? Quem joga bem este jogo e quem não joga?

A rede mundial que se está desenvolvendo atualmente depende de campos de informação eletromagnéticos. Por meio desta rede de transmissão rápida, não é difícil para os técnicos modernos fazer chegar às casas de cada um algumas forças que operam, por assim dizer, logo acima da matéria mais grosseira: assim, uma imitação da consciência onipresente realmente é uma brincadeira de criança. Esta Torre de Babel eletromagnética não está erguida em um centro da antiga civilização do Oriente Médio, mas em todos os países modernos industrializados.

O conhecimento do que é simples e único se perde na multiplicidade. A informação depende da cultura e a cultura é a expressão do pensamento, do sentimento e da comunicação. Quando inúmeros países são obrigados por necessidade a colaborar política e economicamente, parece que as idéias próprias fazem nascer uma confusão de linguagem cada vez maior; diríamos que, por causa dos modernos meios de comunicação, está cada vez mais difícil compreender por que os homens desconfiam das intenções uns dos outros e não querem abandonar seus bens. O simples conhecimento fundamental da pura vida original parece estar completamente perdido, principalmente porque todos os conhecimentos terrestres tornaram-se disponíveis em massa. Uma visão exterior da criação é assim transmitida em cada casa, e daí decorrem as impressões exageradas e visionárias de sabedoria e de verdadeira fraternidade.

Ah, se por este meio a ignorância pudesse desaparecer e os homens pudessem reunir-se em uma grande fraternidade!... Goethe não disse: “Todos os homens são irmãos”?

A moderna torre da comunicação total devora o tempo e volta a sede de conhecimento dos homens para o lado exterior da existência. Quem verá inconveniente no fato de um estudante fechar-se em uma imensa biblioteca estrangeira para encontrar documentos relacionados com seus estudos científicos? E quem haverá de se opor ao fato de um médico, diante de um diagnóstico difícil, pedir informações a uma rede médica americana ou a um banco de dados japonês a respeito de tipos de doença descritos em revistas especializadas? É preciso viver a vida de seu tempo!

Sim, é claro! Na correria da vida moderna, o conhecimento é uma necessidade. Entretanto, na prática, parece que os conhecimentos adquiridos conseguem resolver apenas parte dos problemas. Para conseguir isto, seria preciso explorar uma outra “Internet”, baseada no conhecimento interior. A busca desta sabedoria universal não precisa de nenhum computador; mas ela exige o desejo interior de escapar aos limites dos conhecimentos terrestres.